

REPORTEER

Rio, janeiro de 1978 - Número 2 - Cr\$ 7,00

AUTONOMO INDEPENDENTE



NAS RUAS
As pessoas
falam tudo
sobre eleição
Págs. 9, 10, 11 e 12

NINA

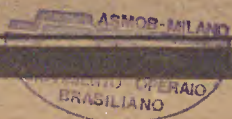


"Falta pão, sexo e liberdade" (página 15)

PAGAMOS
PRA VER
MAGALHÃES
NO MDB

Páginas 3, 4, 5 e 6

- Você sabe como é escolhido o Presidente? (P. 18 e 19)
- Jânio: "Eu não aceitaria ser indicado à presidência" (P. 7)



Sr. Presidente:

Que bela foto aquela sua que saiu no jornal, ontem. Quanta alegria transmite aquela gargalhada. Que saúde. Quanta ternura.

Foi ali, naquele momento, olhando aquela foto, que eu compreendi o quanto amo este país. Esta terra querida onde meus antepassados plantaram raízes. E como são profundas estas raízes. Tão profundas que ainda permanecemos aqui. Comendo deliciosos sanduíches de mortadela e assistindo ao Silvio na TV. Dançando com o Corinthians Campeão e sofrendo com o conflito polícia-estudantes. Mas ainda continuamos aqui, Sr. Presidente, no solo da Pátria amada, em nosso solo.

E foi vendo aquela risada tão franca, tão saudável, que eu pensei que o sr. pudesse me explicar:

Por que com o que ganho não posso ter meus filhos na escola?

Por que somos tão ladrões e desalmados?

Por que tenho tanto medo, se nada fiz?

Por que meus filhos têm de roubar seus presentes de Natal?

Por que, há tanto tempo, não tomamos café lá em casa?

Por que nos tratamos como bestas e somos tão mal educados?

Por que meu patrão é assim?

Por que não sou feliz?

Sei que seu tempo é muito pequeno para responder a todas estas perguntas, mas, para terminar, gostaria de saber só mais uma coisa: ri de que, Sr. Presidente? De que?

BIRA SANTOS SOUZA

BIRA SANTOS SOUZA
(de Curitiba)



CANTE CONOSCO

Samba de plataforma

Não põe corda no meu bloco
nem vem com teu carro-chefe
não dá ordem ao pessoal
Não traz lema nem divisa
que a gente não precisa
que organizem nosso carnaval
Não sou candidato a nada,
meu negócio é batucada
mas meu coração
não se conforma
O meu peito é do contra
e por isso mete bronca
nesse samba-plataforma
por um bloco
que derrube esse coreto,
por passistas à vontade
que não dancem o minueto
por um bloco
sem bandeira ou fingimento
que balance e abagunce
o desfile e o julgamento
por um bloco
que aumente o movimento
que sacuda e arrebeite
o cordão de isolamento
não põe no meu.
(Aldir Blanc e João Bosco)

Não tem mais eleição

Bons tempos aqueles
em que a gente votava
na Rainha do Rádio
Havia concurso e
se penduravam
as faixas nas ruas
Com voto secreto,
direto, secreto
mostrava-se a predileção
Hoje não tem mais concurso
não se faz mais eleição.
Como é que a Revista do Rádio
vai publicar a coroação?
(música de Hermínio Bello de
Carvalho, parte de uma revista
musical a ser dirigida
por Fauzi Arap)



REPÓRTERES/EDITORES - João Sant'Anna, Luiz Augusto Gollo, Luiz Alberto Bettencourt, Paulo Adário, Toninho Martins Vaz, Elias Fajardo da Fonseca, Lúcia Murat, Miguel Ribeiro Furtado, Pedro Motta, Tim Lopes, Sérgio Sbragia, Marco Antonio Moraes, Eduardo Homem.

COLABORADORES - Chico Júnior, Flávio Deckes, Ivan Mauricio, Marcos Dantas, Bernardo Pellegrini, César Arruda Castanho, Fábio Júlio, Xirumba, Bruno Liberatti, Petchó, Daniel Remi, Alex Solnik, Marcus Vinicius Bettencourt, Luzia Rodrigues, Ireda Cardoso, Angeli, João Bittar, Eliane Pastore, Jesus Carlos Lucena, Luis Alberto Pontes de Carvalho, Cláudia Moniz Freire, Paulo Venceslau, Jaime Leão, Márcia de Almeida,

Ramayana Vargens, Mauricio Veneza, L. C. Retamoso, Solda e Ricardo Gentio.

ARTE - Andrei Bastos, Analuze Estrella, Mauricio Leite, Ruth Freihof João Leite e Washington Lessa.

REPORTER - Autônomo independente. Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134 - 11º andar - Tel.: 253-5038 - Rio de Janeiro. Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907, Fone.: 268-9112 - Rio de Janeiro. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Limitada, rua Doutor Virgílio de Carvalho Pinto, 412 - Pinheiros - São Paulo. Fones: 282-2423 e 853-7461.

REPÓRTER
íntegra o



Foto de Regina Duarte
da capa: Agência Globo

O plano: Magalhães racha Arena e MDB e derrota Figueiredo

Magalhães Pinto pode ser candidato à presidência da República pelo MDB, na eleição do Colégio Eleitoral.

REPÓRTER pode informar que já existem negociações nesse sentido com o partido da oposição, na figura de alguns de seus senadores, como Leite Chaves, do Paraná.

O candidato Magalhães Pinto contaria com os votos dos descontentes da Arena (e são muitos, como ele mesmo afirma) e certamente tem apelo e chances de rachar o MDB. Com as duas metades, estaria eleito Presidente do Brasil. E aí estariam também as bases de um novo partido, pois, se ganhar a presidência,

Magalhães afirma que dissolverá a Arena e o MDB e formará pelo menos mais quatro partidos.

Esta é uma hipótese a qual ele mesmo nos conduziu, nos dois encontros que tivemos com ele.

Durante a entrevista, com o gravador ligado, ele se recusou a responder o que fará caso não seja indicado pela convenção da Arena. Mas falou com o gravador desligado: "Eu não posso falar isso porque é muito contestatório, mas me candidato direto no Colégio Eleitoral e ganho com os votos de parte da Arena e do MDB. Não estou me importando com a fidelidade partidária, mesmo porque depois que eu ganhar ninguém estará ligando pra isso".

O senador só não disse **por qual partido** ele se apresentará no Colégio Eleitoral (sem partido é impossível).

No dia seguinte, quando voltávamos com ele da rua - onde, por nossa sugestão, ele respondera a algumas perguntas, voltamos à carga:

- Senador, sobre o que o Senhor nos disse ontem, de disputar a eleição direto no Colégio Eleitoral, o senhor seria candidato pelo MDB?

- Sobre isso eu já disse a vocês que não posso falar.

- Mas não precisa falar. Estamos apenas raciocinando com a sua hipótese.

- Sobre esse assunto eu não quero conversar agora. Por que vocês não esperam um pouco?

- E quando podemos conversar?

- Na quinta-feira (dia 15).

- Mas, senador, nosso jornal já está nas bancas nesse dia. Não podíamos conversar cinco minutinhos?

- Já disse que sobre isso não falo.

Pela primeira vez, Magalhães Pinto até então muito amável e interessado em ganhar a simpatia de todos, foi ríspido. Agradecemos e saímos com uma certeza: "esse cara vai se candidatar pelo MDB".

FOTO DE SÉRGIO SBRAGIA



REPÓRTER: - Vamos descer?

MAGALHÃES: - Vamos.

Avenida Rio Branco esquina com Ouvidor, Rio de Janeiro, quatro horas da tarde. O candidato à Presidência do Brasil, José de Magalhães Pinto, atendendo ao pedido da equipe do REPÓRTER, aparece na porta da sede do Banco Nacional e é imediatamente cercado pelos jornalistas que o esperavam na calçada. As pessoas passam apressadas, olhando a cena sem parar. Uma cena que não acontecia desde a campanha eleitoral de Jânio Quadros em 1959.

Repórter - O sr. não tem nada para perguntar ao candidato à Presidência da República?

Homem - O sr. acredita que a Arena acatará um candidato civil?

Magalhães - A convenção é livre para escolher um civil ou um militar. Eu vou disputar lá dentro pra ver.

O mesmo Homem - Qual a receptividade que o sr. sente no Congresso pelo seu nome?

Magalhães - A receptividade foi sempre boa. Agora, eu acho que a medida que vá tendo o apoio popular, isso vai influenciando mais dentro dos convencionais e do corpo que vai eleger: do Colégio Eleitoral.

Um outro Homem - Excelência, e sobre o convite honroso que o governo fez pro sr?

Magalhães - Qual convite?

2º Homem - De retirar sua candidatura? Pelo menos é o que o Globo noticiou hoje...

Magalhães - Eu não recebi nenhum convite.

2º Homem - Mas saiu publicado no Globo hoje.

Magalhães - Saiu, eu vi, mas eu não tenho nenhum convite para retirar minha candidatura. Pode ser até que ainda venha. Mas eu não vejo motivo para retirá-la porque eu sou um representante do povo. Eu acho que o processo que nós temos, numa eleição indireta, é ir ouvir o povo, conversar como o povo e depois me apresentar na convenção como candidato que tem a opinião pública a seu lado.

Rapaz - Escuta, eu sou casado, tenho uma filha, entendeu, que tem um problema, ela precisou do INPS, levei minha filha pro INPS, fez operação, depois constatou que tinha problema nos rins, de germes nos rins. O INPS não tinha nenhum remédio lá pra dar. Cada remédio custa trinta cruzeiros, entendeu? Então eu corri a Santa Casa, corri tudo quanto é hospital aí. Ganho salário mínimo. Remédio caro os hospitais não dão. Agora eu quero saber o seguinte: será que nós vamos ter condição, o pessoal que não tem condições? Porque eu acho o seguinte: quem não

Sr. Presidente:

Que bela foto aquela sua que saiu no jornal, ontem. Quanta alegria transmite aquela gargalhada. Que saúde. Quanta ternura.

Foi ali, naquele momento, olhando aquela foto, que eu compreendi o quanto amo este país. Esta terra querida onde meus antepassados plantaram raízes. E como são profundas estas raízes. Tão profundas que ainda permanecemos aqui. Comendo deliciosos sanduíches de mortadela e assistindo ao Sílvio na TV. Dançando com o Corinthians Campeão e sofrendo com o conflito polícia-estudantes. Mas ainda continuamos aqui, Sr. Presidente, no solo da Pátria amada, em nosso solo.

E foi vendo aquela risada tão franca, tão saudável, que eu pensei que o sr. pudesse me explicar:

Por que com o que ganho não posso ter meus filhos na escola?

Por que somos tão ladrões e desalmados?

Por que tenho tanto medo, se nada fiz?

Por que meus filhos têm de roubar seus presentes de Natal?

Por que, há tanto tempo, não tomamos café lá em casa?

Por que nos tratamos como bestas e somos tão mal educados?

Por que meu patrão é assim?

Por que não sou feliz?

Sei que seu tempo é muito pequeno para responder a todas estas perguntas, mas, para terminar, gostaria de saber só mais uma coisa: ri de que, Sr. Presidente? De que?

BIRA SANTOS SOUZA

BIRA SANTOS SOUZA
(de Curitiba)



REPÓRTERES/EDITORES - João Sant'Anna, Luiz Augusto Gollo, Luiz Alberto Bettencourt, Paulo Adário, Toninho Martins Vaz, Elias Fajardo da Fonseca, Lúcia Murat, Miguel Ribeiro Furtado, Pedro Motta, Tim Lopes, Sérgio Sbragia, Marco Antonio Moraes, Eduardo Homem.

COLABORADORES - Chico Júnior, Flávio Deckes, Ivan Mauricio, Marcos Dantas, Bernardo Pellegrini, César Arruda Castanho, Fábio Júlio, Xirumba, Bruno Liberatti, Petchô, Daniel Remi, Alex Solnik, Marcus Vinicius Bettencourt, Luzia Rodrigues, Ireda Cardoso, Angeli, João Bittar, Eliane Pastore, Jesus Carlos Lucena, Luis Alberto Pontes de Carvalho, Cláudia Moniz Freire, Paulo Venceslau, Jaime Leão, Márcia de Almeida,

Ramayana Vargens, Mauricio Veneza, L. C. Rettamoso, Solda e Ricardo Gentio.

ARTE - Andrei Bastos, Analuze Estrella, Mauricio Leite, Ruth Freihof João Leite e Washington Lessa.

REPORTER - Autônomo independente. Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134 - 11º andar - Tel.: 253-5038 - Rio de Janeiro. Distribuidores exclusivos para todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907, Fone.: 268-9112 - Rio de Janeiro. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Limitada, rua Doutor Virgílio de Carvalho Pinto, 412 - Pinheiros - São Paulo. Fones: 282-2423 e 853-7461.

**REPÓRTER
integro o**



Foto de Regina Duarte
da capa: Agência Globo



CANTE CONOSCO

Samba de plataforma

Não põe corda no meu bloco
nem vem com teu carro-chefe
não dá ordem ao pessoal
Não traz lema nem divisa
que a gente não precisa
que organizem nosso carnaval
Não sou candidato a nada,
meu negócio é batucada
mas meu coração
não se conforma
O meu peito é do contra
e por isso mete bronca
nesse samba-plataforma
por um bloco
que derrube esse coreto,
por passistas à vontade
que não dancem o minueto
por um bloco
sem bandeira ou fingimento
que balance e abagunçe
o desfile e o julgamento
por um bloco
que aumente o movimento
que sacuda e arrevente
o cordão de isolamento
não põe no meu.
(Aldir Blanc e João Bosco)

Não tem mais eleição

Bons tempos aqueles
em que a gente votava
na Rainha do Rádio
Havia concurso e
se penduravam
as faixas nas ruas
Com voto secreto,
direto, secreto
mostrava-se a predileção
Hoje não tem mais concurso
não se faz mais eleição.
Como é que a Revista do Rádio
vai publicar a coroação?
(música de Herminio Bello de
Carvalho, parte de uma revista
musical a ser dirigida
por Fauzi Arap)



O plano: Magalhães racha Arena e MDB e derrota Figueiredo

Magalhães Pinto pode ser candidato à presidência da República pelo MDB, na eleição do Colégio Eleitoral.

REPÓRTER pode informar que já existem negociações nesse sentido com o partido da oposição, na figura de alguns de seus senadores, como Leite Chaves, do Paraná.

O candidato Magalhães Pinto contaria com os votos dos descontentes da Arena (e são muitos, como ele mesmo afirma) e certamente tem apelo e chances de rachar o MDB. Com as duas metades, estaria eleito Presidente do Brasil. E aí estariam também as bases de um novo partido, pois, se ganhar a presidência,

Magalhães afirma que dissolverá a Arena e o MDB e formará pelo menos mais quatro partidos.

Esta é uma hipótese a qual ele mesmo nos conduziu, nos dois encontros que tivemos com ele.

Durante a entrevista, com o gravador ligado, ele se recusou a responder o que fará caso não seja indicado pela convenção da Arena. Mas falou com o gravador desligado: "Eu não posso falar isso porque é muito contestatório, mas me candidato direto no Colégio Eleitoral e ganho com os votos de parte da Arena e do MDB. Não estou me importando com a fidelidade partidária, mesmo porque depois que eu ganhar ninguém estará ligado pra isso".

O senador só não disse **por qual partido** ele se apresentará no Colégio Eleitoral (sem partido é impossível).

No dia seguinte, quando voltávamos com ele da rua - onde, por nossa sugestão, ele respondera a algumas perguntas, voltamos à carga:

- Senador, sobre o que o Senhor nos disse ontem, de disputar a eleição direto no Colégio Eleitoral, o senhor seria candidato pelo MDB?

- Sobre isso eu já disse a vocês que não posso falar.

- Mas não precisa falar. Estamos apenas raciocinando com a sua hipótese.

- Sobre esse assunto eu não quero conversar agora. Por que vocês não esperam um pouco?

- E quando podemos conversar?

- Na quinta-feira (dia 15).

- Mas, senador, nosso jornal já está nas bancas nesse dia. Não podíamos conversar cinco minutinhos?

- Já disse que sobre isso não falo.

Pela primeira vez, Magalhães Pinto até então muito amável e interessado em ganhar a simpatia de todos, foi ríspido. Agradecemos e saímos com uma certeza: "esse cara vai se candidatar pelo MDB".

FOTO DE SÉRGIO SBRACIA



REPÓRTER:- Vamos descer?

MAGALHÃES: - Vamos.

Avenida Rio Branco esquina com Ouvidor, Rio de Janeiro, quatro horas da tarde. O candidato à Presidência do Brasil, José de Magalhães Pinto, atendendo ao pedido da equipe do **REPÓRTER**, aparece na porta da sede do Banco Nacional e é imediatamente cercado pelos jornalistas que o esperavam na calçada. As pessoas passam apressadas, olhando a cena sem parar. Uma cena que não acontecia desde a campanha eleitoral de Jânio Quadros em 1959.

Repórter - O sr. não tem nada para perguntar ao candidato à Presidência da República?

Homem - O sr. acredita que a Arena acatará um candidato civil?

Magalhães - A convenção é livre para escolher um civil ou um militar. Eu vou disputar lá dentro pra ver.

O mesmo Homem - Qual a receptividade que o sr. sente no Congresso pelo seu nome?

Magalhães - A receptividade foi sempre boa. Agora, eu acho que a medida que vá tendo o apoio popular, isso vai influenciando mais dentro dos convencionais e do corpo que vai eleger: do Colégio Eleitoral.

Um outro Homem - Excelência, e sobre o convite honroso que o governo fez pro sr?

Magalhães - Qual convite?

2º Homem - De retirar sua candidatura? Pelo menos é o que o Globo noticiou hoje...

Magalhães - Eu não recebi nenhum convite.

2º Homem - Mas saiu publicado no Globo hoje.

Magalhães - Saiu, eu vi, mas eu não tenho nenhum convite para retirar minha candidatura. Pode ser até que ainda venha. Mas eu não vejo motivo para retirá-la porque eu sou um representante do povo. Eu acho que o processo que nós temos, numa eleição indireta, é ir ouvir o povo, conversar como o povo e depois me apresentar na convenção como candidato que tem a opinião pública a seu lado.

Rapaz - Escuta, eu sou casado, tenho uma filha, entendeu, que tem um problema, ela precisou do INPS, levei minha filha pro INPS, fez operação, depois constou que tinha problema nos rins, de germes nos rins. O INPS não tinha nenhum remédio lá pra dar. Cada remédio custa trinta cruzeiros, entendeu? Então eu corri a Santa Casa, corri tudo quanto é hospital aí. Ganho salário mínimo. Remédio caro os hospitais não dão. Agora eu quero saber o seguinte: será que nós vamos ter condição, o pessoal que não tem condições? Porque eu acho o seguinte: quem não



tem condições, morre. É o caso da minha filha, se eu não pedisse ajuda, ela morria. Eu não sou orgulhoso, eu pedi mesmo ajuda.

Magalhães - Fez muito bem em salvar...

Rapaz - Salvei. Custou dois mil e tantos cruzeiros, mas salvei. Eu quero saber o que o senhor acha desse negócio?

Magalhães - Eu acho que o INPS deve melhorar as condições de atendimento. Precisamos estudar uma maneira...

Rapaz - O pessoal que não tem condições, morre. Atualmente, né, porque ninguém sabe disso. Só eu agora que tou dizendo.

Moça - Eu gostaria de saber: o senhor é candidato a Presidente?

Magalhães - É, sou candidato.

Moça - É só isso.

Magalhães - Ah, bom.

Folha de São Paulo - Senador, o senhor tem chances no colégio eleitoral, disputando com o general Figueiredo? Se a eleição fosse pelo colégio eleitoral?

Magalhães - Bom, primeiro, a eleição é na convenção. Tem que haver disputa. Pela legislação atual.

Mulher - Escuta, eu queria saber o seguinte: já que o senhor é Presidente...

Magalhães - Candidato.

Mulher - Então o senhor podia me dizer por acaso esse caso das escolas? Entendeu? A minha filha, por exemplo, tem 15 anos. Passou pro segundo grau e se matriculou na "Sucrofe" essa escola federal. Ela passou com 360 pontos que ela fez e não foi eleita. Eu queria saber porque que ela não passou, se tem crianças com duzentos pontos, com cento e poucos pontos que foi eleita e passaram.

Magalhães - O problema da educação é um problema grave no Brasil...

Mulher - Porque? Tem assim alguma pretensão de distorção lá dentro?

Magalhães - Não, houve uma discriminação que não é justa...

Mulher - Mas todas as escolas são iguais, porque na outra ela fez 360 pontos e também não passou, na Mauá, que faz parte com a "Sucrofe".

Magalhães - E não passou por que?

Mulher - Também não passou. Dizem que é por causa de, de, de, como é? Esse negócio de clarência. Só porque o pai é militar? E tem isso? Se o pai é só um sargento, ganha um salário mínimo, uma coisa mais que um salário mínimo.

Um Senhor de terno - Senador, ainda ontem, o deputado José Bonifácio dizia na televisão que não acre-

ditava na candidatura civil. O que Vossa Excelência responde a isso?

Magalhães - É que as coisas acontecem sem o José Bonifácio acreditar. (riso)

O do terno - Realmente, eu faço sérias restrições às declarações dele também. Muito obrigado. Prazer, hem?

Outro homem de terno - Eu gostaria de saber se nós vamos perder mesmo a grande oportunidade de termos o senhor como Presidente da República. Parece que está havendo uma...

Magalhães - Pelo meu esforço, nós não perderemos não. Se vocês me ajudarem, não é?

2º de terno - Então muito bem, muito bem.

Rapaz - Senador Magalhães, eu, durante o seu governo, eu nasci em Minas, vivi lá. Agora eu queria perguntar pro senhor se há chance de o senhor ir à Presidência da República.

Magalhães - Há. Por isto mesmo que eu estou...

Rapaz - Eu espero que sim, porque durante o seu governo o senhor fez de Minas uma grande Estado.

Magalhães - Pois é, muito obrigado.

Mulher - Eu queria perguntar porque a passagem de Portugal ficou tão cara que eu não posso ir ver os meus pais?

Magalhães - Ah, é?

Mulher - Já estou aqui há vinte anos.

Magalhães - Então precisava haver uma revisão nisso.

Moça - O senhor, se for eleito Presidente, qual é o seu programa?

Magalhães - O meu programa eu breve estou discutindo ele nas ruas, nos comícios, auditórios, a hora que puder. Eu vou fazer um programa o mais perto do povo possível.

Homem - O senhor acredita que a sua auto-candidatura representa uma abertura política?

Magalhães - Acho que sim. Porque hoje o povo já pode conversar sobre o assunto, já pode se interessar. E no Brasil inteiro se fala no problema.

Homem - Eu não digo tão somente em termos de povo, eu digo em termos de cúpula.

Magalhães - Também, eu acho que de cúpula também, porque foi graças a liberdade de imprensa que o meu nome pode ser divulgado no país todo. Já é uma abertura.

Homem - Senador, que o senhor alcance todos os seus objetivos em 1978. O senhor merece.

Magalhães - Os meus objetivos são os objetivos do povo.

Homem - Exatamente. Eu sou sobrinho do Godofredo de Luna, grande amigo seu.

Rapaz - Em termos de regularização de profissão neste país, ainda tem muitas profissões a serem regularizadas. Eu não sei o motivo, que é a profissão de sociólogo no Brasil.

Magalhães - Eu já tenho cuidado, como senador, dos sociólogos. Mas vai ser regulamentada. Pode estar tranquilo.

Homem - Sendo candidato e sendo eleito, o que o senhor pretende fazer em benefício da classe pobre?

em benefício principalmente daqueles que não têm a sua residência.

Magalhães - Essa é minha preocupação, meu filho.

Homem - O plano que está aí no BNH acho que não tá atendendo à maioria dos pobres. O que o sr. pretende fazer?

Magalhães - Uma das preocupações que eu tenho é elevar o nível de vida do povo, dar condições para que todos possam viver mais tranquilos.

Rapaz - Acontece o seguinte: o meu negócio, eu fui embora da Petrobrás sem justa causa, eu estava até de férias, entendeu? Já fiz isso prá ver se volta e até hoje ainda não voltei. Sem justificativa nenhuma, fui embora sem justificativa nenhuma.

Magalhães - Mas o sr. não reclamou?

Rapaz - Reclamei, fui, mandei uma carta ao presidente e tudo. Recebi uma resposta, não adiantou nada, ficou por isso. Foi em 75.

Magalhães - Mas insista.

Rapaz - É.

Magalhães - Quando a gente postula uma coisa tem que insistir.

Rapaz - É, certo.

Rapaz - A anistia sai?

Magalhães - Temos que fazer, pelo menos, imediatamente um corte para a revisão das punições.

Rapaz - Eu acho.

Magalhães - Acredito que faremos um regime democrático pleno...

Homem - É o candidato? É o candidato?

Velinho - Eu queria fazer uma pergunta... Eu fiquei muito triste... Ainda posso ter esperança?

Magalhães - Pode ter.

Velinho - Posso ter esperança?

Rapaz - Eu perguntei prá ele se ele por acaso for eleito presidente se ele acredita no regime de democracia. Ele disse que acredita sim.

Homem - O sr. acredita que o sr. será candidato à presidência? No atual sistema?

Magalhães - Esse é o meu esforço.

Homem - Com o anúncio de Figueiredo já como presidente?

Magalhães - Ele é um candidato, eu também sou outro.

Homem - Como sua candidatura vai ser?

Magalhães - Eu vou ser o candidato...

Mulher - Péra ai, deixa eu só cumprimentá-lo: como vai o senhor, vai bem? Felicidades.

Senhor - Eu sou do tempo do senhor, lá no Banco, do começo do Banco, do Banco Hipotecário, do Banco da Lavoura...

Magalhães - Como é seu nome?

Homem - Morato.

Magalhães - Lembro muito de você...

Homem - Morato, é.

Magalhães - Está aqui no Rio, agora?

Homem - Estou, sou médico aqui no Rio.

Magalhães - Ah, bom.

Homem - O sr. ainda é candidato a candidato ou já é candidato?

Magalhães - Não. Sou candidato.

Homem - Já é candidato? Então, parabéns.

Magalhães - Vou me registrar prá isso.



"Tá na hora de acabar com o militarismo"

Enquanto o candidato Magalhães Pinto respondia as perguntas dos populares, REPÓRTER ouvia alguns outros sobre o que estavam achando de toda a movimentação. Eram três perguntas: o senhor conhece aquele homem ali. O senhor sabe que ele é candidato "à Presidência do Brasil? O senhor votaria nele?

Estas são as respostas:

José Silva, 28 anos, trabalha num escritório de contabilidade, mora em Campo Grande:

- Votaria nele só pra mudar, só porque é civil. Chega desse negócio de militar.

- Você não acha perigoso ficar falando isso na rua?

- Acho que não é mais não, até os jornais estão dizendo coisas assim. É isso aí, tá na hora de mudar, senão como é que ele ia ser candidato?

Jorge Sérgio de Melo, 23 anos, morador em Santa Teresa, trabalha em uma distribuidora de títulos:

- Conhece aquele senhor ali?

- Claro, é o Marcos Tamoio.

Jorge Coelho da Silva, 44 anos, bombeiro hidráulico, mora em Cascadura:

- Votaria no Magalhães?

- Pra que o senhor está perguntando? (sai rápido da roda que cerca o senador). Não tenho nada pra dizer não, é melhor riscar meu nome daí, olha moço não quero complicação pra cima de mim por causa de política. Vê lá...

Sebastião Junior, 22 anos, contínuo de escritório, morador no Méier:

- Conhece aquele senhor?

- Não.

(alguém fala "é o Magalhães Pinto")

- Já ouviu falar nele?

- Acho que não. Quem é ele? Parece ser muito velho, pra que que ele serve?

Soldado PM que controla o trânsito na esquina de Ouvidor com Rio Branco:

- Conhece aquele senhor ali?

- Conheço de vista, tá sempre aí (aponta para o edifício do Banco Nacional), sei que é gente muito importante.

- Sabe o nome dele?

(faz que não com a cabeça)



- Sabia que é candidato à Presidência da República?

- É?!

- Qual é o seu nome?

- Não complica!

Eduardo Vilela, 25 anos, estudante de economia; motociclista:

- Votaria nele só porque é civil. Se houvesse eleições livres, acho que ele ganharia tranquilamente, apesar de não ser um candidato popular. Mas para o povo é a melhor alternativa que apareceu até agora. Se fosse perguntar alguma coisa a ele, gostaria de saber como é que iria resolver o problema dos metalúrgicos, sabe como é, nesse negócio de salário é que pra gente ver, realmente, quais as intenções verdadeiras do político.

Antônio Francisco das Neves, 20 anos, terceiro ano científico, morador em Parada de Lucas:

- Acho que está na hora de acabar com esse militarismo todo. Em tudo quanto é lugar só tem militar governando. Por causa disso, acho que votaria nele. Agora, não sei muito bem o que ele poderia ou estaria disposto a fazer. Será que melhoraria o regime de vida da gente?

Valdomiro Batista de Souza, 45 anos, operário da FIAT, morador em Duque de Caxias:

- Votaria no Magalhães porque estamos numa hora em que a gente precisa de pessoal com experiência, e ele tem muita experiência política.

Senhor gordo, aproximadamente 40 anos, sorridente, bem vestido e brincalhão. Ao ver o senador atravessando a rua, sai correndo para vê-lo de perto. Comenta entusiasmado para um amigo:

- Olha só que simplicidade, sozinho no meio da rua, sem aparato nenhum, quem olha ele assim nem pensa que é o dono do Banco Nacional.

- Votaria nele?

- Há muito tempo já voto no dinheiro dele. - tira um talão de cheques do Nacional e exhibe entusiasmado.

- Seu nome?

- Que é isso meu filho? Eu também sou mineiro, nada de me comprometer por coisa boba.

Puxa o amigo pelo braço, agora já não ri e parece mais cauteloso:

- Isso deve ser alguma jogada do velho. Tem muita gente querendo saber o que a gente pensa.

"Ninguém se conforma com a situação"

Homem de terno azul e camisa branca: - É claro que eu votaria nele. Ninguém se conforma com a situação em que vive o país há 14 anos. Isso aqui é uma ditadura, então qualquer coisa que venha mudar eu acho bom. O senhor por exemplo, quantas vezes já votou para Presidente da República?

REPORTER - Nenhuma, mas eu tenho 30 anos...

Homem - Pois é. Eu tenho 60 anos e só votei duas vezes...

FOTO DE MIGUEL FUERTADO



O camburão parou, olhou e foi embora

Texto de Gollo

Repórter - O senhor conhece aquele homem ali? É o senador Magalhães Pinto, candidato à presidência. O senhor tem alguma pergunta a lhe fazer?

- Eu sei quem ele é, mas não tenho pergunta. O que eu vou perguntar a ele? Nada.

Repórter - Ei, você, sabe quem é aquele senhor ali parado? É candidato à presidência. Você não tem pergunta nenhuma que gostaria de fazer a ele?

- Eu, que nada, cara. Vou perguntar o que pra ele?

Repórter - Sei lá, o preço do feijão, alguma coisa. Amanhã o homem pode estar lá no palácio.

- Ai ele nem vai se lembrar da minha pergunta, né?

Repórter - Mas o homem pode até ser eleito lá em Brasília e você não quer fazer pergunta nenhuma?

- Eleição? Ah, para com isso. (sai rindo).

O sinal de trânsito fica vermelho, os carros param. O primeiro deles, junto ao meio-fio, é um Mercedes-Benz que transporta uma senhora no banco traseiro. O motorista fardado é negro.

Repórter - A senhora sabe quem está ali? É o senador Magalhães Pinto. A senhora não tem pergunta a fazer a ele?

- O Magalhães Pinto? Não, pergunta não tenho, mas torço por ele. Pelo menos não é militar. Chega de militar, né?

Repórter - O senhor sabe quem é aquele ali? É o candidato a presidente, o Magalhães Pinto. O senhor não quer fazer uma pergunta a ele? Olha que esta pode ser sua última chance (o

entrevistado aparenta a mesma idade do senador).

- É verdade, mas eu não tenho nada a perguntar a ele. Não vai ser eleito mesmo, de que adianta?

O candidato Magalhães Pinto atravessa a avenida, a pedido dos repórteres que querem fotografá-lo junto à estátua do pequeno jornalista, do outro lado. O camburão da Política Militar, número 520071, para junto à aglomeração em torno do candidato. Os policiais olham pelas janelas do carro por alguns segundos, sem saber se descem ou não. O guarda de trânsito de serviço naquele cruzamento faz com a mão um sinal de que não e nada, que está tudo bem, e o camburão segue pela Rio Branco.

Repórter - O senhor sabe quem é aquele homem? É o candidato à presidência, o Magalhães Pinto. Não quer fazer uma



pergunta a ele? É só chegar e perguntar. Olha que só tem esta chance.

- Eu fazer pergunta? Não, estou sempre com ele.

O candidato Magalhães Pinto volta à porta do Banco Nacional, sempre com um grupo de repórteres e populares cercando-o. Próximo, três homens conversam. O que está no centro é padre.

Repórter - Com licença, o cleiro não teria uma pergunta a fazer ao candidato Magalhães Pinto?

- A quem? Ao Magalhães? Não. Mas tenho uma pergunta para o senhor. Posso fazê-la?

Repórter - Só se for agora.

- Por que o senhor não está trabalhando?

Repórter - Mas eu estou (mostra as laudas anotadas e o padre sorri um tanto sem graça).

- E onde o senhor trabalha?

Repórter - No REPÓRTER, o senhor conhece?

- Ouvi falar.

Repórter - Vejo que o senhor está habituado a boas leituras (o padre traz uma revista Isto é na mão). Não deixe de comprar também o REPÓRTER. Mas sobre o candidato, o senhor não tem pergunta nenhuma a lhe fazer?

- Ah, não, eu não conheço muito o senador. Aliás, na última Veja saiu uma foto de nós dois aqui mesmo nesta esquina.

Repórter - O senhor não acha que é muita coragem do senador sair para a rua com as pressões todas em Brasília contra ele?

- O senador sempre foi um homem corajoso. Aliás, você sabe que os melhores atiradores do Brasil são mineiros?

Reporter - ??? !!!

(Ao final do passeio, o candidato Magalhães Pinto volta à sede do banco. No elevador, o padre e os dois homens que conversavam na esquina. Todos sobem.)

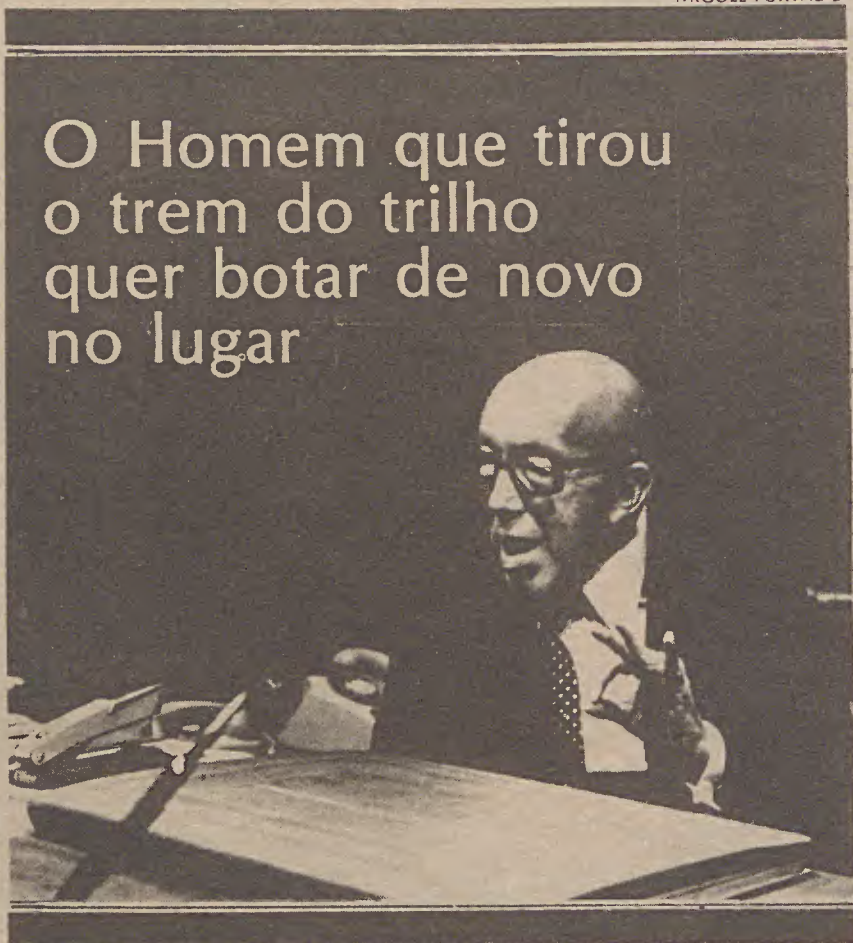
REPÓRTER - Senador, o sr. foi um dos líderes civis do movimento de 1964 e, como tal, conspirou para derrubar um governo legalmente eleito e um regime escolhido num plebiscito, com voto secreto e direto. O novo regime que o sr. ajudou a implantar acabou com os partidos, cassou mandatos, baixou o AI-5, censurou a imprensa - sempre com o seu apoio. Hoje, o sr. está contra tudo isso: quer liberdade de organização partidária, quer ver reconhecido seu direito de candidatar-se à presidência da república, é contra o AI-5 e sua campanha ganha as ruas graças a uma maior liberdade de imprensa. Em 1964, quando os militares tomaram o poder, o sr. se juntou a eles. Em 1977, quando aumentam as pressões para que os militares se afastem do poder, o sr. se apresenta como candidato civil. Para algumas pessoas isso caracteriza uma oposição oportunista. Como o sr. vê isso?

Magalhães Pinto - Todos os que conhecem minha vida não julgariam que eu viesse a tomar uma atitude oportunista. Em 1964, como governador de Estado, eu senti que não estávamos apenas diante de um governo eleito pelo voto e referendado pelo plebiscito. Estávamos diante de um governo que facilitava a anarquia e o caos. **Foi para deter isso que eu chefei a revolução.** Agora, tendo passado 14 anos praticamente, no momento em que todos nós desejamos uma volta ao regime democrático e ao estado de direito, eu julguei que era o meu dever pleitear a presidência - inclusive porque **quem ajudou a descarrilar o trem tem a obrigação de ajudar e repô-lo no seu leito normal.** Não é por oportunismo nem por ambição. Estou fazendo isso como um dever que eu tenho porque, na verdade, para o governo ir para um político - ou vir para um político - é importante que esse político tenha ligações profundas com a Revolução. Eu, examinando o quadro, cheguei à conclusão que era esta não a minha oportunidade: era esse o meu dever.

Repórter - De que maneira o sr. vê esse "descarrilamento do trem"?
Magalhães Pinto - Na verdade, em 1964, para evitar o caos e anarquia, tivemos que tirar o Presidente da República. Tivemos que fazer um governo foite, um governo com ato institucional que, inclusive, cassou mandatos, censurou a imprensa, pôs congresso em recesso etc. **Isso, na verdade, não é uma situação para ficar permanente num país que foi sempre democrático.**

Repórter - Hoje o povo não elege mais os governadores, os prefeitos dos municípios mais importantes, um terço do Senado Federal, o Vice-Presidente e o Presidente da República. Mesmo assim, o sr. se diz candidato do povo. Em vez de barganhar em nome do povo, numa eleição indireta, onde o povo não vota, não seria mais coerente com os princípios democráticos lutar para que as eleições presidenciais e todas as outras fossem diretas, secretas, através do voto universal?

Magalhães Pinto - Esse seria o meu desejo, mas vejo que as regras do jogo não são estas. Então, para disputar uma eleição indireta e ficar coerente com o meu passado de homem público que sempre disputou



O Homem que tirou o trem do trilho quer botar de novo no lugar

eleição pelo voto direto, eu quis primeiro ir ao povo, buscar o seu apoio.

Repórter - O senhor está disposto a aceitar as regras universais do jogo democrático: liberdade para os sindicatos, direito de greve, habeas corpus, liberdade de organização para os partidos de esquerda, liberdade para o movimento estudantil, liberdade de imprensa, fim da censura prévia ao rádio e tv, filmes, livros, fim das prisões arbitrárias e da tortura?

Magalhães Pinto - Na verdade, algumas dessas coisas já estão ultrapassadas. Mas, na verdade, eu sou a favor da liberdade de imprensa. Eu sou a favor da liberdade sindical. Acho que devemos fazer novo pacto social diferente do que é feito atualmente.

Repórter - O sr. é a favor também do direito de greve?

Magalhães Pinto - Durante a minha vida, numa parte eu fui patrão noutra eu fui empregado e sempre achei que o direito de greve é legítimo para o empregado conseguir as suas reivindicações.

Repórter - O Sr. não acha que se o Presidente abre debate sucessório já indicando o candidato que ele quer ele não está de uma certa forma fechando esse debate?

Magalhães Pinto - Eu estou pleiteando uma coisa muito simples: o direito de disputar na convenção. De modo que acredito que este direito não me vai ser negado.

Repórter - O Sr. é a favor da anistia?

Magalhães Pinto - Eu sou a favor da criação de uma corte para a revisão das punições.

Repórter - Então, o sr. é contra a anistia?

Magalhães Pinto - Eu não sou contra a anistia. É que eu acho que se pedir demais nós não conseguiremos, ao passo que se formos fazendo uma revisão com um tribunal criado para este fim, nós em breve estaremos praticamente com a anistia.

Repórter - O sr. esteve com o Presidente Geisel. O sr. falou claramente com ele sobre sua candidatura?

Magalhães Pinto - Eu não estive recentemente com o Presidente a não ser em reuniões públicas.

Repórter - Então o sr. nunca comentou com o Presidente Geisel sua candidatura?

Magalhães Pinto - Já comentei uma vez com ele.

Repórter - Qual foi a reação dele?

Magalhães Pinto - Ele só disse que queria adiar o problema. Eu disse a ele que estava de acordo. Apenas que a minha posição era uma posição difícil porque eu era um homem que andava, que não tinha gabinete militar como os outros dois candidatos na época - que eram o general Figueiredo e o general Sylvio Frota. De modo que eu estava na rua, nas praças, nos aeroportos... Em toda parte eu tinha que conversar sobre o assunto sucessório, de modo que eu esperava que ele não visse nisso uma posição contrária à posição dele e sim como decorrência da minha posição de ser um político civil.

Repórter - O que ele lhe disse?

Magalhães Pinto - Ele disse que compreendia.

Repórter - Além deste apoio político que o sr. disse que tem - e que talvez tenha, já que o senhor é senador eleito com voto direto - que outras forças políticas sustentam sua candidatura?

Magalhães Pinto - A minha candidatura não foi posta por mim. Ela foi posta pelos meus colegas do Senado quando eu ainda era presidente da Casa, quando eu fui eleito "Homem de Visão". Todos os deputados presentes se manifestaram sobre a proposta de um deles. De modo que eu não sou um candidato de mim mesmo. Mas aos poucos eu fui examinando a situação e cheguei à conclusão - pondo de lado qualquer ambição, vaidade ou desejo de mando - que eu tinha o dever de, nesta hora em que caminhamos para a democracia, também trabalhar firmemente para colocar o Brasil no estado de direito democrático. E para isto eu tinha que colocar então minha candidatura e vejo que ela já tem prestado alguns serviços: o debate sucessório está se fazendo no Brasil inteiro, em todos os jornais, até no interior, porque na verdade um político colocou-se à frente disso.

Repórter - Ao que parece, o governo permitirá que sua candidatura chegue à convenção da Arena.

Quais são as suas chances de vitória na convenção?

Magalhães Pinto - Eu vou trabalhar para isso. Mas, **quando a gente está lutando, não pode olhar percentual**, porque digamos que tenha hoje 30 por cento, amanhã posso ter 60 por cento. De modo que eu vou trabalhar.

Repórter - O governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, será o Vice-Presidente da chapa do general Figueiredo. Dentro de seu próprio Estado já existe um civil apoiando a candidatura de um militar. O sr. não acha que isso dividiria a convenção?

Magalhães Pinto - Eu não sei o que isso pode significar.

Repórter - Foi colocado que isso seria uma tentativa de esvaziar a sua candidatura.

Magalhães Pinto - Se é uma tentativa de esvaziar, isto não cola bem em Minas Gerais, porque todos lá sabem do meu esforço para que Minas possa ter um presidente.

Repórter - Então o maior apoio político seu estaria em Minas Gerais?

Magalhães Pinto - Não, eu tenho apoio político em vários Estados. E como você sabe, o problema de apoio de candidato na convenção depende muito da hora, hoje é de um modo, na ocasião da convenção é de outro. Por exemplo, nós temos os problemas estaduais: a escolha dos candidatos etc. Esta escolha pode fortalecer muito o candidato oficial. Mas pode, também, dar chances a mim - que sou também do partido - com elementos que virão formar também a meu lado.

Repórter - Pelos pontos que o sr. enumerou aqui, seu problema é claramente um programa de oposição: um programa muito mais perto do MDB do que da Arena. O sr. não vê uma contradição em colocar esse programa dentro da convenção da Arena que é, enfim, o partido do governo?

Magalhães Pinto - Sim. Mas no momento que o governo está fazendo um diálogo para obter justamente isto, eu não vejo nenhuma contradição. Este é o pensamento atual. Pode não ter sido o do passado, mas o atual é esse. Tanto que o governo mandou fazer um diálogo com os vários representantes da sociedade, justamente para favorecer um entendimento.

Repórter - E se o governo não permitir que sua candidatura chegue à convenção?

Magalhães Pinto - Não quero dar esta hipótese.

Repórter - O sr. se coloca como o candidato do povo e da democracia. Se o sr. perde na convenção isto significa uma derrota do povo e da democracia?

Magalhães Pinto - Por que você não pergunta se eu ganhar?

Repórter - Se o sr. ganhar?

Magalhães Pinto - Acho que o povo estará contente, eu tomarei posse tranquilamente e irei fazer a pacificação do país, inclusive procurando o MDB.

Repórter - E se o sr. perde na convenção?

Magalhães Pinto - Não faz esta pergunta. (risos).

Repórter - Mas eu tenho que fazer, está escrito aqui, senador...

Magalhães Pinto - Você tira fora que esta depois eu te digo.

Repórter - Depois que passar a convenção?

Magalhães Pinto - Não, depois que desligar o gravador.

João Sant'Anna e Elias Fonseca

"Contochão *
dos imperativos
categóricos"

O Presidente parece ter indicado o Presidente o que, sendo importante, não é fundamental. O Comandante de um dos Exércitos poderia tê-lo feito, ou o Cardeal Primaz. O que importa mesmo são os imperativos categóricos. As exigências intransferíveis, fundamentais e imediatas da nacionalidade e do mundo exterior.

O Presidente indicado apresentará o "consenso". Isto é, ele congraçará os militares, incluindo os da Marinha e Aeronáutica que, há tempos, não andam felizes e, coincidentemente, congraçará militares e civis, estes infelizes há muito tempo.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O presidente indicado promoverá reformas, o que quer dizer uma nova Constituição, forte, substantiva, com partidos políticos definidos, com representação eleitoral autêntica, com pleitos diretos, com anistia.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado lutará contra a inflação, mas, não sufocará o trabalhador a quem restituirá os salários escamoteados, porque eram o suor do rosto e o pão da mesa.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado permitirá a atividade política nas escolas, sem prejuízo da escola e da escolaridade.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado defenderá a empresa nacional, sem expulsar, xenófobo, a

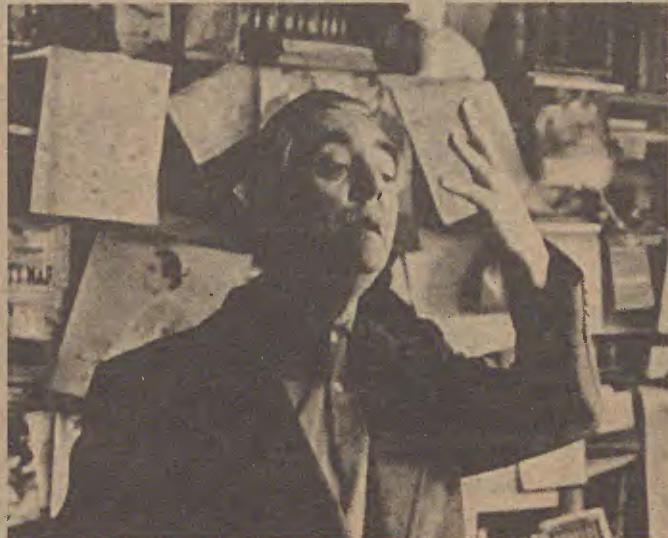
JÂNIO

Eu não aceitaria ser presidente indicado

Em depoimento ao **REPÓRTER**, o ex-presidente Jânio Quadros enumera os problemas que o presidente indicado - João Figueiredo terá que enfrentar e os objetivos que ele deve se propor. Como são muitos os imperativos a que deve atender o presidente

Jânio Quadros conclui:

- Se eu fosse Presidente (**Geisel**), não indicaria o Presidente (Figueiredo). Se eu fosse o presidente indicado (**Figueiredo**), não aceitaria ser Presidente. Este é o seu depoimento.



Agência Globo

anglo-americanos e afastando dúvidas que afligem nossos técnicos ou cientistas, patriotas, também.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado conservará independente nosso Itamaraty, sem irritar Washington, Moscou ou Pequim. Ao mesmo tempo sustentará que a América Latina e a África são o nosso berço e o nosso futuro.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado não tomará novos empréstimos, exceto para destinação rigorosamente prioritária, e que se pague por si própria.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado punirá a corrupção e a desídia administrativa em todos os planos, inclusive e, particularmente, no familiar.

estrangeira, multinacional ou não.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

O Presidente indicado protegerá a agricultura, a pecuária e o homem do campo, sem que o crédito e os pre-

ços excluam a produção dos mercados mundiais ou do bolso cidadão.

Ou estará desatendendo a um dos imperativos categóricos.

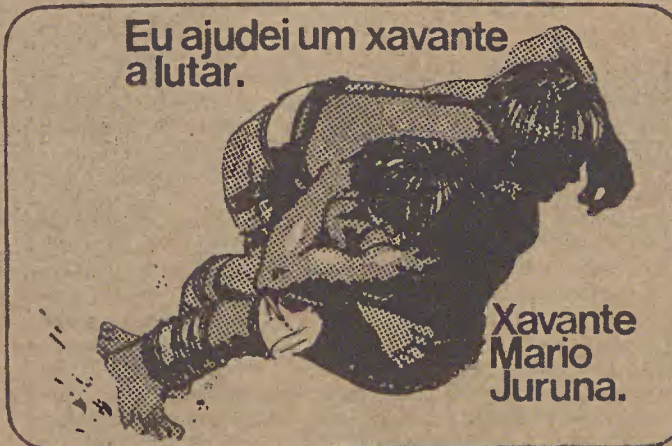
O Presidente indicado manterá ou reverá o pacote nuclear, tranquilizando os

Índio não quer presidente índio quer cacique

Bom mesmo seria o cacique Mário Juruna ser recebido pelo presidente Geisel. Mas acontece que Juruna, o índio do gravador, se considera muito mais um pobre do que um índio. E pobre não é recebido por presidente; "recebe" presidente quando ele vai inaugurar algum viaduto.

Dá Juruna foi ao gabinete do candidato Magalhães Pinto no Banco Nacional e conversou longamente. O senador deve ter achado muito engraçada aquela figura, acompanhada de um suplente de verador pelo MDB paranaense, Mozart Quadros, dentro de seu escritório, e com toda a razão. Juruna não sabe exatamente quem é o cidadão José de Magalhães Pinto nem o que ele repre-

Eu ajudei um xavante a lutar.



Xavante Mario Juruna.

O decalque: idéia da imprensa independente de São Paulo.

senta no momento político brasileiro. Coloca-o no mesmo nível do general Ismarth, da Funai, e do ex-ministro Severo Gomes - que lhe deu 200 cobertores para o **rigido** inverno matogrossense. E tem algumas idéias ótimas:

1 - O presidente do Brasil tem de ter sangue índio nas veias. Jamais poderia ser uma pessoa com o sobrenome Geisel, por exemplo, que é estrangeiro. Juruna acha que Geisel é mais estrangeiro do que brasileiro e quando soube da candidatura do Magalhães achou muito boa porque Pinto é nome de brasileiro.

2 - O problema do índio só será resolvido depois que se resolver o problema do branco. Dá Juruna se identifica mais com o pobre das zonas

urbanas do que com o índio em Mato Grosso.

3 - O presidente do Brasil tem de se preocupar com a pobreza antes de qualquer outra coisa.

4 - As empresas estrangeiras podem trabalhar no Brasil enquanto estiverem ajudando nosso desenvolvimento - só isso.

5 - O presidente do Brasil tem de ser um nacionalista autêntico não apenas no nome.

Sobre eleições presidenciais, Mário Juruna não tem opinião. Inclusive porque índio não vota. E além disso, na sua tribo, a dos xavantes, a sucessão é hereditária (que nem no Haiti).

(Gollo)

Repórter detido na FNM

"Identidade, por favor". Alto, de camisa azul clara, calças escuras, uniforme não identificado, o tenente Maurício, de revólver na cintura, interrompeu as entrevistas que o Repórter fazia com os operários no portão da antiga Fábrica Nacional de Motores. * Depois, foi uma hora e meia na sala de segurança da empresa, à espera de uma decisão.

Faltavam cinco minutos para a saída dos operários - 17 horas - quando chegamos em frente ao portão de saída da FNM. Os gravadores e máquinas fotográficas pareciam um pouco estranhos para o grupo de pessoas que esperavam em frente ao portão. Mas entre os "olha aí, um sorriso, ô artista" e um "vai falar com a rádio globo, hem", o clima estava tranquilo. Para quem esperava há mais de uma hora debaixo do sol, a nossa chegada não deixou de ser uma brincadeira.

O clima de brincadeira terminou com a primeira pergunta - o que você achou das eleições do sindicato? "Vamos mudar de assunto, hem gente" - foi a primeira resposta.

Poucos continuavam a rir. Até que alguém falou:

"Não, não votei nada. E se tivesse votado, estava era revoltado com essa coisa aqui da firma. Todo mundo querendo receber o pagamento. A família em casa esperando e eles não pagam. Marcam para às 4 horas. A gente chega e nada". Uma voz gritou um 'sai às cinco e meia'.

"Então, está certo. Está esclarecido. Eles não esclarecem, entende? A gente é que tem que ficar esperando". Era um operário mais velho. Um dos fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos. "A gente contribuía com uma parte para a construção do prédio e ganhava um diploma. Depois, vi tanta gente que me afastei".

A chegada do tenente Maurício interrompeu a entrevista. Um homem forte, sem uniforme, cara carrancuda, que rondava o grupo há algum tempo, apontou: "Este aqui também".

A apresentação das cartelas da Associação Brasileira de Imprensa não foi suficien-

te. E enquanto se dirigia à sala de segurança, o tenente falava. O gravador ligado. "Esta é uma área de segurança nacional, controlada inclusive, pelo Exército. Fui informado então que os senhores estavam fazendo entrevistas com os operários. Longe de mim qualquer verdade. Mas eu tenho de fazer o meu trabalho... Esta entrevista é comigo?"

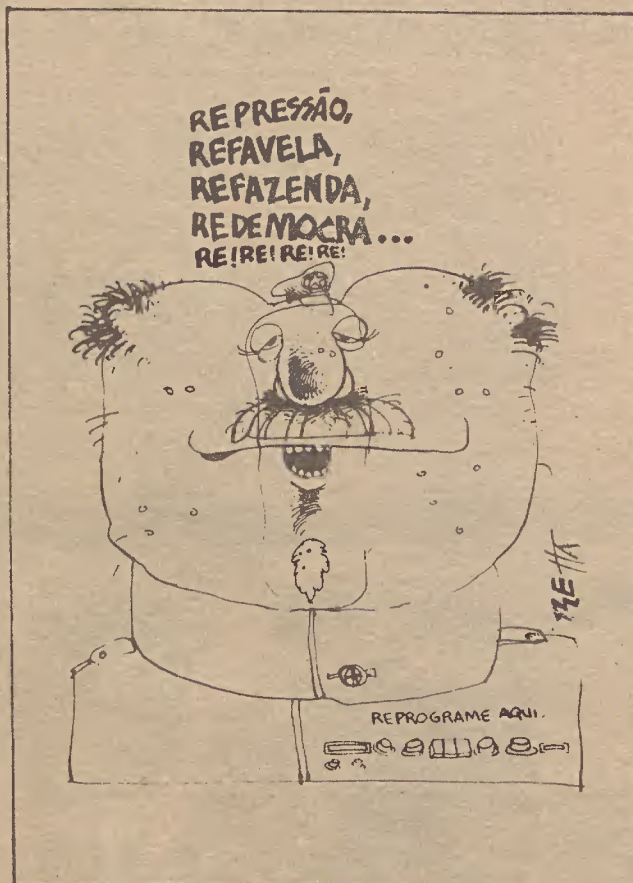
Gravador desligado, chegamos à sala. Pequena, uma escrivaninha com um 38 jogado em cima da mesa. O tenente um sorriso irônico, pedia desculpas pelas condições da sala. "O nosso trabalho é diferente do de vocês... Como sub-chefe do sistema de segurança interna da FNM, contratado pela própria empresa, o tenente Maurício pediu o telefone e o endereço do **REPORTER**. Pediu, em seguida, a uma outra pessoa que telefonasse para "aquele lugar", dando o endereço e o telefone do jornal.

A preocupação do tenente Maurício tinha pouco a ver com a segurança da empresa. Esclareceu que, caso a gravação não fosse ouvida, os nomes e o gravador seriam apreendidos e encaminhados ao Serviço Secreto do Exército. Insistia em falar na 2ª Seção do Ministério do Exército com grande familiaridade, citando os nomes dos comandos.

As 18 horas, o tenente retirou-se levando as cartelas da ABI. Meia hora depois, retorna com um novo tom de voz, afirmando que não pretendia impedir o trabalho da imprensa. Pediu de novo compreensão para a difícil função da segurança. "São 8 mil funcionários e nós temos apenas 60 guardas".

Não foi possível esclarecer o caso do guarda, cuja arma caiu, disparou e feriu um operário no refeitório da FNM. Nem porque o guarda de segurança da empresa foi o responsável por impedir que se distribuisse na fábrica o jornal da oposição sindical durante a campanha eleitoral. Eram 18h30. Todos os operários haviam saído.

* A FNM foi comprada pela empresa Italiana Fiat.



"O operário é oprimido"

Dos 60 mil metalúrgicos existentes no Rio, apenas 15 mil são sindicalizados. Destes, 9 mil votaram nas eleições sindicais. No Sindicato dos Metalúrgicos, João Ferreira, metalúrgico, 25 anos, fala ao REPÓRTER sobre a falta de participação dos operários. Sorriso largo, muita confiança, João dá um recado para toda gente que pensa no operário "como o sujeito que bate sorvete na testa".

"A falta de participação do operário está escrita na própria gestão do Adalberto de Oliveira (atual presidente do sindicato). Ele nunca fez amplas convocações de massa. Nunca levou a contento uma campanha salarial. E a classe operária quer ver é o salário dela. É o dia a dia. Não se fazendo isto, ela não reconhece o sindicato como dela.

Quando acontecia um caso como o da FNM, que teve até tiro (um guarda estava almoçando, a arma caiu, disparou e feriu um operá-

rio), o Adalberto nem de longe tomava conhecimento. E ainda dizia que não admitia que se denunciasse. São estes tipos de coisas que afastam o operário de dentro do sindicato.

Para muita gente o operário é aquele sujeito que toma sorvete pela testa. Mas não é não. Ele sabe agir. Está é oprimido. É outra coisa. Mas quando tiver condições de se expressar, ele se expressa.

O pessoal diz assim. É possível se fazer isto hoje? E muita gente diz não. Mas não por que? O não é muito relativo. Nenhuma diretoria vai fazer qualquer coisa sozinha. Mas convoque o pessoal para fazer um trabalho, como o Lula fez em São Paulo, e vai ver como as coisas mudam.

Eu pergunto uma coisa: há dois anos atrás seria possível reunir 5 mil operários numa assembleia para reivindicar os 34%, como aconteceu em São Paulo? Se reivindicasse, era todo mundo preso. E se aqui no Rio a gente fizer alguma coisa assim, a classe também vem para o sindicato".

Cartas marcadas

A chapa 1, da situação, encabeçada por Adalberto de Oliveira, falava de justiça e trabalho. Contra ela concorreu uma chapa de oposição, com Osvaldo Pimentel na cabeça, centrada na liberdade sindical e na luta por melhores salários. Mas as eleições no sindicato dos metalúrgicos do Rio não ficaram aí. Teve mais: ameaças de impugnações, boatos de que Osvaldo Pimentel estaria preso, e um jogo de ganha mas não leva para a oposição, que vencendo por 800 votos na primeira eleição, foi obrigada, pela Delegacia Regional do Trabalho a concorrer uma segunda vez.

Pela lei, caso a chapa vitoriosa ganhe por maioria simples deve haver uma segunda eleição. Mas no caso dos metalúrgicos antes da votação, as duas chapas fizeram um acordo de que aceitariam a decisão mesmo que a vencedora ganhasse por maioria simples. Feito o acordo e entregue a DRT, esperava-se, no final da apuração, que as eleições deste ano estivessem encerradas. Mas não foi assim que aconteceu. A Delegacia do Trabalho, que geralmente aceita estes acordos, exigiu uma segunda votação.

A pressão aumentou. Um ofício da DRT falando da impugnação de seis candidatos, inclusive o presidente da chapa de oposição, foi amplamente usado pela situação durante a segunda campanha. O Delegado do Trabalho, por sua vez, dizia que não era responsável por qualquer impugnação. "Esta questão pertence a órgãos superiores". Na segunda eleição, no final de dezembro a oposição continuou ganhando. Mas as pressões valeram. A diferença desta vez foi de apenas 50 votos. E um dos membros da chapa de oposição, por pressão da empresa onde trabalha acabou se retirando da diretoria.

A posse está marcada para março. E até lá, a oposição espera, receosa. Segundo um dos dirigentes da chapa, "teve muita carta marcada neste jogo. E sempre pode vir mais".

REPRESSÃO

O povo
não vota mas
pensa e fala

Em seis bairros do Rio de Janeiro e no centro de São Paulo, o REPÓRTER escolheu um ponto de grande movimentação e fez seis perguntas às pessoas que iam passando. As perguntas foram as seguintes: Você sabe que em 1978 tem eleição pra presidente do Brasil? Você sabe como o presidente é escolhido atualmente? Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo? Você sabia que eles eram candidatos? Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar? Pra que serve o presidente do Brasil? Isso e mais nome, idade e profissão.

Elomi, soldado, 20 anos - Sei que tem eleição sim. Como é escolhido o presidente? Agora você me deixou naquela né, tô em dúvida, sei lá, mas é o seguinte: a gente adápta um presidente que achamos que é o melhor e damos os votos pra ele.

Repórter - A eleição é direta ou indireta?

Elomi - Pra presidente é direta.

Repórter - Você conhece os candidatos?

Elomi - Hi rapaz, agora essa. É o seguinte, no ano passado eu sabia um montão mas agora, a vida aqui dentro (no quartel) é fogo, eu nem tenho o título (de eleitor).

Repórter - Você conhece o senador Magalhães Pinto e general João Batista de Figueiredo?

Elomi - Ah, conheço, esses dois tão numa boa. Se eu tirar meu título, voto no general. Ele esteve no meu quartel.

Repórter - Quem esteve no seu quartel?

Elomi - O general Pinto. (Elomi referiu-se ao general Pinto Rabelo, comandante do 1º Exército, e que não é candidato à presidência da República).

Repórter - Quem você acha que vai ganhar, o candidato civil ou o candidato militar?

Elomi - Ah, o militar, tranquilo.

Para Elomi, o presidente da República serve pra muita coisa: "ele é a alma do nosso Estado".

Davi, soldado, 19 anos - Não sei que tem eleição, não. Acho que o presidente é escolhido como era antigamente!

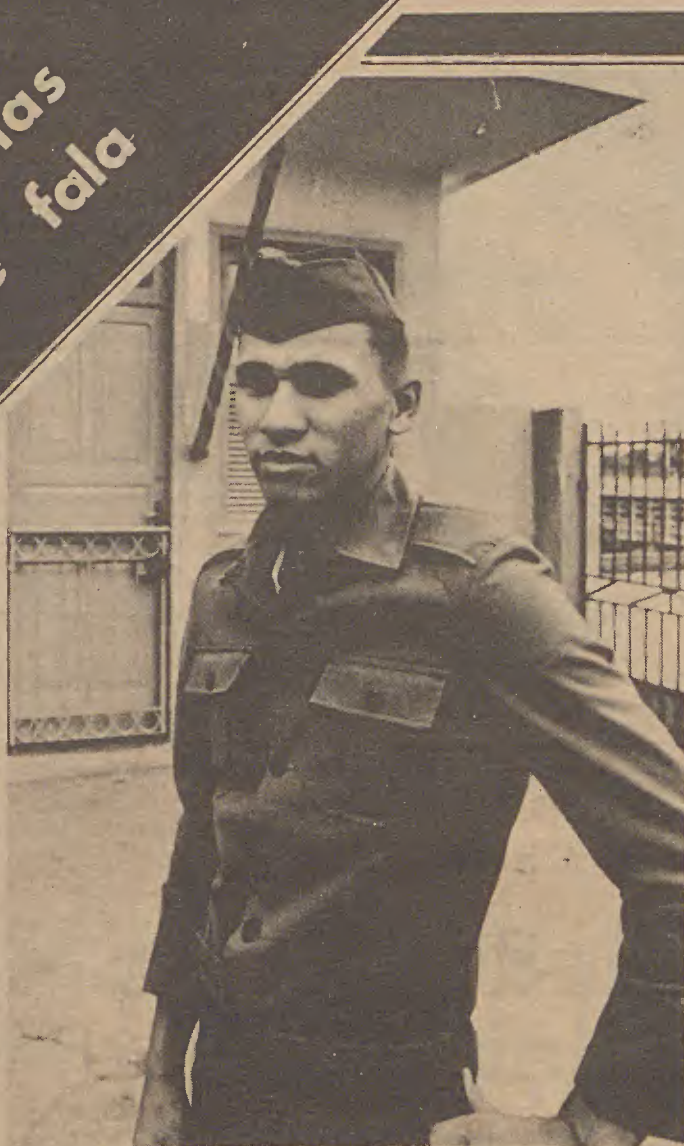
Repórter - E como era antigamente?

Davi - Antigamente era assim: ele (o militar) seguia os postos todos da carreira e aí passava pro último posto, depois ia pra reserva e aí era escolhido de um jeito que eu não sei explicar.

Repórter - E agora ainda é assim?

Davi - Agora não sei não.

Repórter - Você conhece os



Davi



Hilton



Elomi

NA VILA MILITAR

Um cabo: tem muita gente que não está satisfeita.

Texto de Luiz Alberto Bettencourt
Fotos de Sérgio Sbragia

candidatos pra presidente da República?

Davi - Não, não sei quem são os candidatos.

Repórter - Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Davi - Não. Não sabia que eles eram candidatos.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Davi - O militar. Acho que tem mais possibilidade.

Repórter - Por que?

Davi - Acho que a preferência vai ser como antigamente, acho que ele vai ser eleito como antigamente e o pessoal vai ter muita crítica porque não é uma eleição pra todo mundo votar, é uma eleição pra alta sociedade. Mas vai ser o militar.

Repórter - Pra que serve o presidente da República?

Davi - Eh, eh, essa agora é fora de série, como é que eu vou responder? É o seguinte, tudo passa por ele né? Essa é fogo, é que eu

sou meio ruim de conversa ... é como num clube, tem um cara que manda né?

Hilton, soldado, 20 anos - Se eu sei que tem eleição, sei não. Não sei como é escolhido o homem. Não conheço os candidatos também não.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Hilton - Acho que quem tem mais capacidade de ganhar é o militar.

Repórter - Por que?

Hilton - Por que? Porque é milico, porque é militar, sei lá, tá nas mãos deles mesmo.

Repórter - Pra que serve o presidente do Brasil?

Hilton - Serve pra tudo.

Benedito, soldado, 23 anos - Sei que tem eleições. Atualmente não sei como o presidente é escolhido. Antes era através da Câmara dos senadores, se é que não mudou nada, continua a

mesma coisa: junta o senado com a Câmara e escolhe. Não sei quem são os atuais candidatos. Já ouvi falar neles (referindo-se ao senador Magalhães Pinto e general João Batista Figueiredo) mas não sabia que eram candidatos. Acho que o presidente vai continuar militar.

Repórter - Por que?

Benedito - Desde 1969 que é, quem tá no comando é militar e tudo indica que vai continuar.

Segundo Benedito, o presidente serve "pra coordenar o modo de dirigir o país".

Antonio, já desengajado, serviu o Exército no ano passado - Sei que tem eleição este ano, sei.

Repórter - Como é escolhido o presidente atualmente?

Antonio - Se eu me lembro bem é por votação.

Repórter - Que tipo de votação?

Antonio - Votação indireta e secreta.

Repórter - E quem vota nessa eleição?

Antonio - Os eleitores.
Repórter - Mas todo mundo vota?

Antonio - Não, depende da idade, os maiores votam, os outros não.

Antonio não ouviu falar dos candidatos à presidência e acha que o próximo presidente "vai ser militar".

Repórter - Por quê?

Antonio - Por que é mais forte, não sei.

Pra Antonio, o "presidente do Brasil serve pra organização das leis do país".

João Maria, soldado, 20 anos - Não sei que vai ter eleições não senhor.

Repórter - Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

João - Não sei não senhor.

Repórter - Você sabe quem são os candidatos?

João Maria - Não sei não senhor.

Repórter - Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

João Maria - Não senhor.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

João Maria - Militar.

Repórter - Por quê?

João Maria - Eu acho que deve ser militar.

Repórter - Mas por quê?

João Maria - Tem que ser militar, só isso.

Repórter - Mas você tem alguma razão?

João Maria - Não, eu acho.

Repórter - Mas por que você acha?

João Maria - Hi, olha lá, perdi um ônibus vizinho, como é a pergunta?

Repórter - Por que você acha o militar melhor?

João Maria - Por que é mais preparado, tem mais nível cultural, mais conhecimento.

Repórter - Na sua opinião, pra que serve o presidente do Brasil?

João Maria - O presidente é um líder, certo? Ele ... ah não sei mais o que falar. Agora me diga pra que essas perguntas todas?

Um cabo, bem falante, educado, estatura baixa, cabelos castanhos, que se disse graduado com cursos, e que não quis responder às perguntas, nem dar seu nome, nem se deixou fotografar - Por favor, sobre que são estas perguntas?

Repórter - Sobre eleições. Nós estamos fazendo uma reportagem sobre eleições e estamos pegando vários depoimentos, em muitos bairros do Rio e em outros Estados também.

Cabo - Então não posso responder.

Repórter - Por quê?

Cabo - Por que vou me prejudicar. Eu posso informar a vocês, eu já trabalhei na segurança, eu sei dessas coisas. Não posso responder nada.

Repórter - Mas se prejudicar como?

Cabo - Amigos, não me levem a mal, mas eu sei que não posso, o pessoal do Exército é muito caxias, muito caxias; o pessoal da Marinha, da Aeronáutica é mais liberal, mas aqui não.

Repórter - Mas nós já fizemos as perguntas à muita gente.

Cabo - E elas podem se prejudicar.

Repórter - Mas deixa a gente ler as perguntas, você responde se quiser.

Cabo - Eu preferia que nem lesse, por favor.

Repórter - Tá legal, mas nem ler só?

Cabo - Eu preferia que não, eu não posso dar as razões pra vocês, mas não dá mesmo, por favor não me levem a mal.

Repórter - Tá legal, obrigado, então.

Cabo - Eu só posso adiantar uma coisa pra vocês: tem muita gente que não está satisfeita, muita gente não está satisfeita. Até hoje.



O povo não vota mas pensa e fala

Paulo Roberto Moreira (25 anos, trocador de ônibus - Bras de Pina)

Eleição pra presidente eu não sei, não. Já votei pra deputado e pra vereador, no MDB. Não sei quem são os candidatos, só vi o tal de Magalhães e o tal de Figueiredo pelos jornais. Sei que um é civil e o outro é general. Não sei quem vai ganhar. Nunca votei pra presidente. Aqui não tem disso não, né?

Zé Carlos (42 anos, comerciante - Bras de Pina) - O Presidente da República é o Geisel. Figueiredo não sei quem é, mas já vi no jornal. Magalhães é um careca que quer ser eleito. Eu não sei de nada, e duvidado que a gente vote pra presidente. Isso foi há muito tempo. Jesus da Silva Pinto (34 anos, escrivão - Bras de Pina) - Figueiredo é um militar que usa óculos escuros. Já vi a cara dele nas revistas. Ouvi dizer que vai ser o novo presidente. Se eu sei como vão ser as eleições? Sei lá, não entendo disso. Mas acho que a gente é que devia escolher o presidente. Esses militares já cansaram. Célio (26 anos, estudante - Madureira) - Eleição? Isso é palhaçada. Figueiredo é o candidato do governo, vai ganhar ele, a gente já sabe. Magalhães é um otário, achando que vai conseguir forçar a barra. No fim, os milicos mexem mesmo os pauzinhos como bem entendem e ganham firme. Tem sido sempre assim e dessa vez, é claro, a eleição vai ser indireta. Porque na direita, ah, nessa eles dançam!

Álvaro Sousa e Silva (67 anos, aposentado - Madureira) - Você quer mesmo saber o que eu acho dessas "eleições", entre aspas? Uma pouca vergonha. Candidatos como, se não tem nem partido? ARENA e MDB não contam. Vai ganhar quem os militares quiserem. Se adivinham eleição seria que nem essa vergonha de plebiscito chileno, tudo roubado. Não tira fotografia, não, que o tal de Figueiredo é do SNI e depois vem atrás da gente. Não sei nem se devia ter dado essa declaração, mas deixa pra lá. É, é claro, que essas... "eleições" vão ser indiretas, a gente já sabe. O Geisel devia só indicar e mais nada. Pra que tanto teatro? Maridalva Cândida (Vendedora - Madureira) - O Presidente é Geisel. Tem eleição em novembro, não tem? Já ouvi falar em muitos candida-



Jonas Ovidio

EM MADUREIRA, BRÁS DE PINA E IPANEMA

Um vendedor: sou brasileiro, comunista e tô com fome

Texto e fotos de Márcia de Almeida

tos. Não faço a menor ideia de quem vai ganhar e não sei como se elege um presidente. Nunca votei pra isso. Meus pais votaram, mas há muitos anos atrás. Tenho 27 anos.

Porciúncula Matos Souza (estudante de Direito, 25 anos - Madureira) - Não acho nada dessas eleições. Vou achar o quê? Não acredito nisso. Vai ser o Figueiredo mesmo, com aquela cara de pedra. Magalhães tá gozando a cara de todo mundo, não tem chance, mas é importante insistir. Como é que é feita essa eleição? Do jeito que o Diabo gosta. Não quero fotos, não, deixa isso pra lá. Depois dá bode. O homem pode não gostar que eu chamei ele de feio.

Jonas Ovidio (19 anos, arquivista, residente em N. Iguapé) - Não tô sabendo de eleição, não. Já vi os nomes do Figueiredo e do Magalhães escritos por aí. Acho que ganha um civil. Não faço ideia de como vai ser essa eleição. Maria das Graças (32 anos, Madureira - dona-de-casa) - Olha, moça, ouvi dizer, mas num sei. Tenho 5 filhos e tô sabendo é que cada dia tá mais impossíveis de sustentá. Lavo pra fora, e num dá. Meu marido trabalha o dia todo e num dá. Cumê que vai sê isso? Ninguém vêvi de vento. Achou bô esse tal de novo presidente dá um jeito, simão... é, num sei, não.

Fagundes Sousa (sorvetelero, evangelista) - O senhor sabe de vâmos ter eleições pra presidente?

- Olha, eu sei, mas também sei que eleição hoje é coisa de Congresso que é uma determinação interna, não é? Já ouvi falar em candidatos, mas quem determina não é a gente mesmo. Conheço Figueiredo e Magalhães, de nome. Se eu acho que ganha um civil ou militar? Acho que... não é bom falar muito, não, né? Mas os militares são por cima, é mais provável que ganhe um militar.

Mario Luiz (vendedor) - Sei, politicamente, que haverá uma eleição em novembro, sim. Candidatos? ontem eu escutei o nome de um. João Batista não sei de que... como é mesmo? Figueiredo, é isso. João Batista Figueiredo. O Magalhães eu conheço muito, de Minas. Ganha o civil.

Amparo Sanchez (dona-de-casa, 29 anos) - Em novembro vai ter eleição, né? Vai ganhar o general, tá na cara. Desde quando a gente não manda mais aqui? o quejeio tá com eles, a faca e o prato também. Pra gente fica a diarréia... eleições indiretas, de que forma seria? se jogar uma direita na rua, dá civil na cabeça.

Mario Luiz

mais diversas, da maneira que ele acha e quer. José Manuel Garcia (português, comerciante) - Eu acho que vai ficar tudo na mesma, não muda nada. Sai um e entra outro e é tudo igual. Foto eu não quero, não. Quando quero me ver, me olho no espelho. Além do mais, não quero ir parar na cadeia. Vou acreditar nisso, nessa baboseira toda, quando acontecer o que é de direito: ELEIÇÕES LIVRES.

Edmundo Nascimento (doméstica) - Ouvi falar lá na casa que eu trabalho. Eu nunca votei. Não, minto, já pus cruzinha uma vez, tem uns três anos, acho. Figueiredo? não faço a menor ideia de quem seja. Magalhães? é um velho feio pra caramba, o povo lá de onde eu trabalho torce por ele. Eu, não sei. Tá tudo de militar em militar, deve ser um deles que vai ganhar. Ih, meu Deus! vou ter que enfrentar aquela chatice de votar outra vez? é tão complicado!

Wilson (entregador de jornais) - Não tô sabendo de eleição, não. Já ouvi falar no nome desses dois aí, acho que pelos jornais. Ganha o civil, pela sua própria condição.

Eduardo Téo (biscateiro) - Indiretamente, estou. Tem até dois candidatos, não tem? O governador de São Paulo e o general... como é que chama, meu Deus? Você sabe o nome dele... Figueiredo, não é isso? Vai ganhar qualquer um do governo, sei lá! Foto, não, que não quero ver o sol nascendo quadrado, não, já basta as coisas como estão. Mas a gente não vai votar, não, né?

Odin Albuquerque Lima - Não tô sabendo de eleição, não. Já ouvi falar no nome desses dois aí, acho que pelos jornais. Ganha o civil, pela sua própria condição.

Valter Alves - Não tô sabendo de eleição, não. Já ouvi falar no nome desses dois aí, acho que pelos jornais. Ganha o civil, pela sua própria condição.

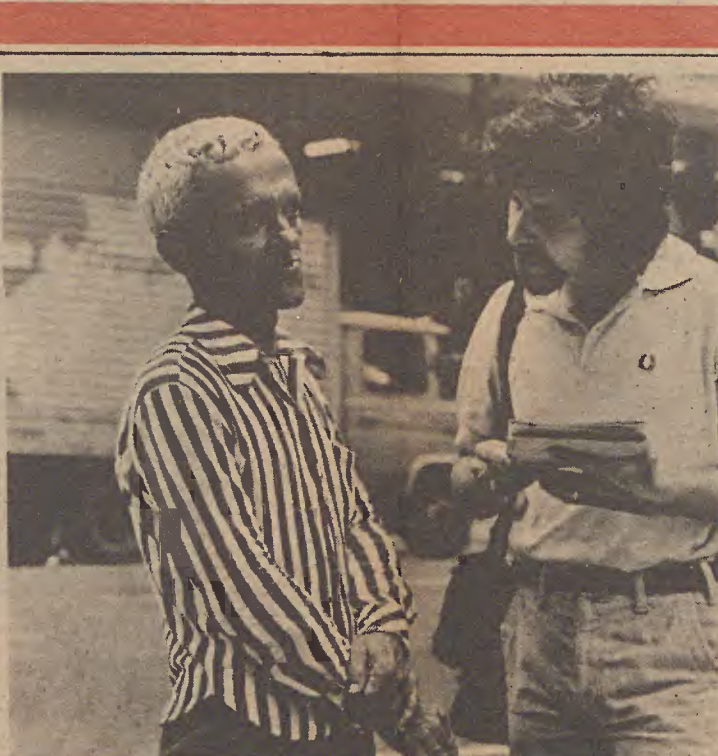
Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Valter Alves (motorista, 28 anos com intenção de largar a profissão) - Sei que vai ter eleição. No momento não sei como é escolhido o presidente, também não sei quem e candidato. Os dois que você falou conheço por jornal e TV.

Valter Alves - Ah é militarismo mesmo. Reportér - Pra que serve, na sua opinião, o presidente do Brasil? Valter - Hi rapaz, pra diversas coisas. Quem comanda tudo é ele. O sistema militar é que domina. Leomoro Assis de Oliveira, PM, guarda de trânsito, 34 anos não quis ser fotografado: "eu moro em Areia Branca, na Baixada, só cedo de casa e a paisana, o pessoal lá não pode ver farda, pelo amor de Deus, livra minha cara, falo tudo que vocês quiserem, é sobre

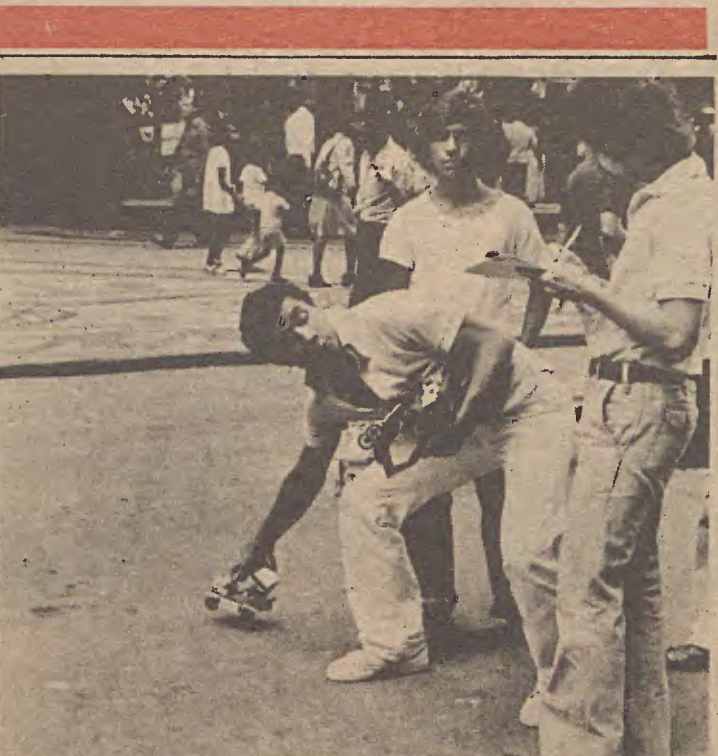
Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?



Pedro de Almeida

Everalondi



Odin Albuquerque Lima



Valter Alves

NO CENTRO

Um camelô: antes o povo escolhia; agora eles escolhem

Fotos de Maurício Leite

EM SÃO PAULO Um pedreiro: não se pode falar nada que os militares prendem

Texto de Bernardo Pellegrini

Sabia. Ouvi falar dos candidatos, mas acho que o Magalhães não tem condições, pois não é militar. Só militar entra, não é? O presidente é eleito por um colégio eleitoral. Não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

os carros rebocados aqui, não é? Tira essa máquina daqui, não bate fotografia de mim assim não, é muito perigoso, se a moçada sabe que eu sou PM, a barra pesa pro meu lado". Se eu sei que vai ter eleição? não sei. Até agora não tive informação nenhuma. Também não sei como o presidente é escolhido.

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?

Antonio Domingues (73 anos, pedreiro do bairro de Pedreira) - Eleição em 78 pra presidente? Não estou a par. O meu tempo é escasso e por isso eu não sei quem é candidato para presidente. Como é escolhido eu não vou dizer por que não sei. Tem dois partidos e o MDB eu sei que só vota para senador. Quem escolhe pra presidente eu acho que é a Arena, não é?



Antonio Adelino

Pedro - Eu acho que é esse aí que você falou, o general.

Segundo Pedro, o presidente do Brasil, "serve pra governar, botar o país melhor, acabar com a carestia".

Odin de Albuquerque Lima, tenente-coronel da reserva, 52 anos - Reportér - O senhor sabe que vai ter eleição pra presidente do Brasil em 78?

Odin - Sei, vai haver eleição indireta.

Reportér - Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Odin - É escolhido pelos deputados e senadores eleitos pelo povo no colégio eleitoral. É um regime muito parecido com o de outros países.

Reportér - O senhor sabe quem são os candidatos?

Odin - Nisso só se pode falar em janeiro, quando o presidente vai tratar do assunto (a entrevista foi feita nos últimos dias de dezembro).

Reportér - Você conhece o senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Odin - Não só conheço o general como sou muito amigo dele. Você deu azar guri, eu sou militar (a identificação dos entrevistados era feita no final das perguntas e portanto não sabia com quem estava falando), sou sobrinho do general Afonso de Albuquerque Lima mas continua tuas perguntas, vai lá.

Reportér - Então não dei azar, dei sorte.

Odin - (rindo) - Não, deu azar. Reportér - Você acha que dei azar porque estamos fazendo perguntas pra obter respostas que comprometam o governo e como você é militar vai defender o governo?

Odin - É claro, tá na cara.

Reportér - Mas você nem ouviu as perguntas, como pode dizer que elas são contra o governo? Odin - Então continua.

Reportér - Quem você acha que vai ganhar, o Magalhães ou o seu amigo?

Odin - Eu quero que seja eleito um homem que represente o movimento de 31 de março, que evite a volta do comunismo. Acho que este homem deve ser militar.

Reportér - Na sua opinião pra que serve o presidente do Brasil?

Odin - Qual é a finalidade desta pergunta?

Reportér - Obter uma resposta.

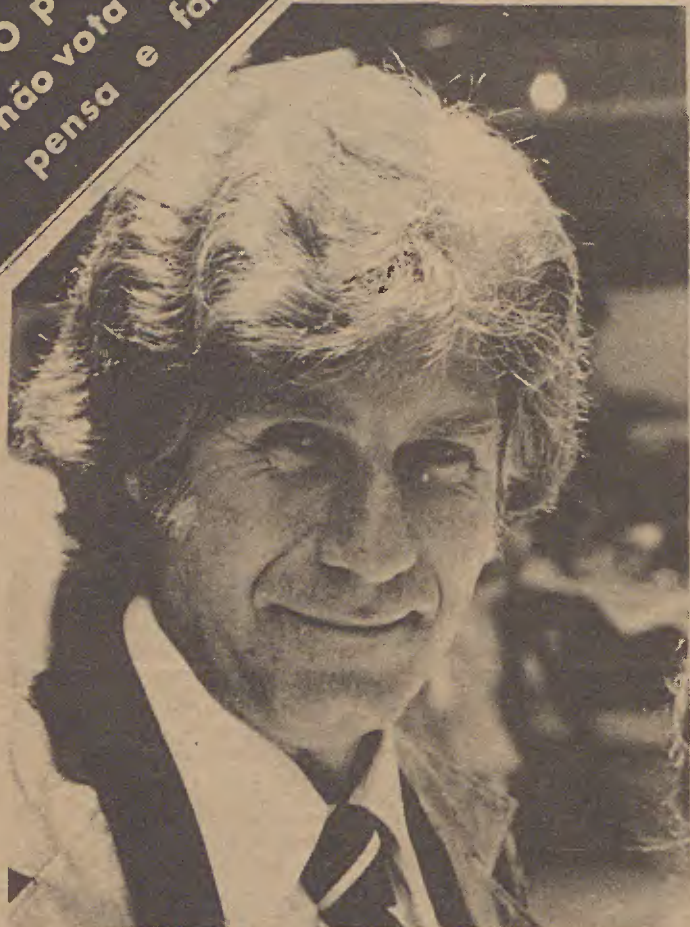
Odin - Guri, você tá brincando mas vá lá, gosto de dialogar com a juventude. O nosso povo ainda não está em condições de votar... Reportér - Você concorda com Pelé então, ele já disse a mesma coisa.

Odin - E tava certo. O nosso povo ainda não está em condições de votar, vota por parentesco, no pai do tulâninho, no tio de não sei que, no compadre, e assim por diante. Reportér - Mas pra que serve o presidente? Odin - Eu estava querendo dizer que, como o povo não sabe votar, é correto que a eleição seja indireta. Pode-se escolher melhor o homem que vai gerir o país de acordo com as nossas leis. L.A.B



Oswaldo

O povo não vota mas pensa e fala



Wilson Gonçalves



José Xavier



Nelson, jornalista

EM NOVA IGUAÇU

Um contador: quando o povo se revoltar isso fica pior que Bogotá

Fotos de Miguel Furtado

Emanuel Mota, Vendedor, 36 anos - Eu sei que tem eleição e, infelizmente, é indireta. Não sei quem são os candidatos não, sei que o Magalhães tá querendo, mas ele não chega lá não. Quem vai ganhar? Na minha opinião quem ganha é o Gasel ou o candidato dele.

Repórter - Pra que serve, na sua opinião, o presidente do Brasil?

Emanuel - Sinceramente?

Repórter - Sinceramente.

Emanuel - Serve pra complicar mais as coisas. O presidente devia ser eu, você (dirigindo-se ao repórter), qualquer um.

Uma professora, de 17 anos, que não quis dar seu nome - Tem eleição pra presidente do Brasil? Não sabia que tinha quanto mais quem é candidato. Não sei como o presidente é escolhido, não. Ah, o Magalhães eu conheço, ele é sócio do Joel, não é (a professora fez a pergunta a uma amiga que a acompanhava)? O outro (general João Batista de Figueiredo) não conheço.

Repórter - Quem vai ganhar, o militar ou o civil?

Professora - O militar, o militar ganha sempre tudo, civil nunca mais vai ter vez... mas não escreva isso aí não que vão dizer que eu sou comunista.

Antônio Carlos, militar da infantaria, 19 anos - Tem eleição? Eu não sabia. O presidente é escolhido por unanimidade. Eu deveria saber como ele age, tudo o que ele faz, devíamos ter um bom presidente. Não conheço os candidatos, já ouvi falar nesses aí (Magalhães Pinto e Batista Figueiredo) mas em política eu não me aprofundo. Acho que o militar vai ganhar.

Repórter - Pra que serve, na sua opinião, o presidente da República?

Antonio Carlos - Hi rapaz, você agora me pegou despreparado... ele é o manda-chuva de cada país, certo?

Nelson, jornalista, 20 anos - Vai ter eleição? Não sei não, vai ter mesmo ou é cascata?

Repórter - Você sabe como é

escolhido o presidente atualmente?

Nelson - A dedo, né? É só perguntar quem quer ser, né?

Repórter - Você conhece os candidatos? O senador Magalhães Pinto e o general João Batista Figueiredo?

Nelson - De vista, esse aí que você falou como é o nome dele? O Magalhães.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar?

Nelson - Minha preferência é civil.

Repórter - Pra que serve o presidente do Brasil?

Nelson - Aí é que são elas. Ele administra uma porrada de coisas.

Alice, doméstica, 59 anos, respondeu às perguntas, foi fotografada depois procurou os repórteres pedindo que nada fosse publicado. Ficou nervosa, quis ver o repórter rabiscar as anotações que tinha feito, exigiu que o fotógrafo "apagasse" suas fotos sempre dizendo que tinha medo que as opiniões que tinha dado "dessem rabo" pra ela - Não sei que tem eleição não sei.

Repórter - Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Alice - Por votos né?

Repórter - Votos de quem?

Alice - Do pessoal lá.

Repórter - Que pessoal?

Alice - O pessoal que escolhe.

Repórter - A senhora, por exemplo, vota nessa eleição?

Alice - Eu voto, eu voto pra presidente do Brasil.

Alice não sabia quem eram os candidatos, nem sabia que havia candidatos.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar, o civil ou o militar?

Alice - A maioria é mais militar.

Repórter - Na sua opinião pra que serve o presidente do Brasil?

Alice - Eu pouco tenho entrevista com isso.

Genival, vigia, 52 anos - Já ouvi falar na eleição sim. Vai ser por voto, voto secreto do pessoal lá da Câmara, pelo que vejo falar, nós não votamos. Não conheço

os candidatos. Não tenho base nessas coisas.

Repórter - E quem você acha que ganha, o civil ou o militar?

Genival - Na minha opinião o militar.

Segundo Genival, o presidente do Brasil serve "pra comandar a nação".

Jorge Luiz, vendedor de bolas, 17 anos - Sei que tem eleição. Não conheço candidato, não sei como é escolhido o homem. Conheço o senador de nome, o Batista Figueiredo ouvi no rádio, esses negócios. Acho que o militar leva, a força dele é maior. O presidente serve pra dar palpite, pra modificar as coisas.

Maria Aparecida, professora e comerciante, 30 anos - Sei que tem eleição, o presidente é votado na Câmara. O Magalhães Pinto eu conheço, o Batista Figueiredo, já ouvi falar.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar?

Aparecida - Magalhães ganha, eu queria que ele ganhasse mas ele tem menos chance. O Batista Figueiredo ganha porque a maioria lá é dele, ele tem mais força.

Repórter - Pra que serve o presidente do Brasil?

Aparecida - Pra tanta coisa, ele não vai resolver o problema de tudo mas alguma coisa ele resolve. Consertar tudo, ele não vai,

também tanto fazia que fosse Arena ou MDB, qualquer coisa que fosse ia ser muito difícil mudar. O povo quer tudo em pouco tempo.

Uma amiga - Hi, Aparecida, não diz isso menina!

Aparecida - O que foi? Não falei nada de mais.

José Xavier, comerciante, 29 anos - Da maneira como estamos vivendo, não existe eleição pra presidente.

Repórter - Você sabe como é escolhido o presidente?

José - É escolhido pela Câmara, através de votos lá entre eles mesmos.

Repórter - Você conhece os candidatos?

José - Não tem jeito de conhecer, conhecer como, se ninguém fala nada?

Repórter - Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o general João Batista de Figueiredo?

José - Simplesmente de nome.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar?

José - Não sei.

Repórter - Pra que serve o presidente do Brasil?

José - Serve pra tudo, estamos nas mãos dele, estamos aí pra acatar o que ele disser.

Wilson Gonçalves - contador, 38 anos - Vai ter eleição mesmo? Tô até admirado mas acredito que não vai ter, tô até apostando.

Repórter - Você sabe como é escolhido o presidente atualmente?

Wilson - Pela câmara constituinte, pelo voto dos deputados federais e senadores no colégio eleitoral. Mas isso aí não é honesto, quem devia governar é o povo. Mas não posso dizer nada em especial.

Repórter - Você conhece os candidatos, o senador Magalhães Pinto e o General João Batista de Figueiredo?

Wilson - Já ouvi falar no Figueiredo mas pra mim o melhor é o Magalhães, porque é civil, pra ver se muda o esquema porque a situação tá crítica já.

Repórter - Quem você acha que vai ganhar?

Wilson - A gente vê muita balação lá na coluna do Castello parece até que tem alguém influenciando. Acho que não vamos sair assim de um regime militar para um civil. O Magalhães fala mais pro povo, foi eleito pelo povo. Bota os dois pra disputar que eu quero ver. Todo mundo já conhece o Magalhães, ele foi governador, embaixador, senador; o Figueiredo ninguém conhece, só militar votava nele, é exclusivamente militar. A gente não pode dizer muito do poder militar.

Repórter - Mas o que a gente pode dizer?

Wilson - Acho que só quem tem segurança é o Estado. Eu posso te dar um tiro aqui, nesta hora com o sol forte e muita gente passando que ninguém me prende. O dia em que o povo se revoltar, isso aqui vai ficar pior que Bogotá. Se o povo participa mais, ele fica mais satisfeito; a insatisfação é não ver objetivo em nada. Entra na massa pra você ver, todo mundo é tratado como gado, o governo fica de braço cruzado. Ele devia ver o problema de transporte, água, esgoto, coisas assim. Vai lá na praça Mauá na hora do pega pra capar! Que conforto tem o povo? O operário, que já é mal alimentado, não pode nem voltar pra casa.

Repórter - Pra que serve, na sua opinião o presidente do Brasil?

Wilson - Ele tem o poder e a responsabilidade de representar o povo. É como o presidente de uma empresa, busca o melhor negócio pra ela. Ele abrange toda a nação, tem que tomar a decisão que convém.

Armando, bombeiro, 40 anos - Não sabia que tinha eleição quanto mais que já tem candidato. Pra mim isso tudo já tinha terminado. Dos homi, eu só conheço o atual, o Gasel. Se houver eleição, acredito que ganha o civil, militar já tá lá há muito tempo. O presidente, pra que serve? Pra isso aqui, pra olhar pelo país, não é isso? (Texto de L.A.B.)



Antonio Carlos

O povo não quer sair de Brasília (a Teimosa)

Moacir L. Gomes Filho

Este é um exemplo de exercício do voto democrático. Brasília Teimosa. Há mais de 20 anos famílias vindas do interior pernambucano começaram a se instalar numa extensa área do começo da praia de Boa Viagem, no Recife. Quando o local passou a ser símbolo de status para a classe média (depois que os usineiros o abandonaram), começaram os problemas dos moradores de Brasília. Boa Viagem virou Copacabana com uma favela na Atlântica. Hoje são mais de 20 mil pessoas ameaçadas constantemente de remoção, sem saber nem quem quer tirá-las dali. Daí se organizaram e formaram um conselho de moradores. Seu presidente, Moacir Luiz Gomes Filho, universitário, eleito pelo voto direto, representa a comunidade. Já foi procurado pela polícia, acusado de comunista, mas continua defendendo os interesses de Brasília, a teimosia de quem sabe que está com a razão.

Brasília Teimosa, bairro famoso por seu nome, mais uma vez se vê nas colunas de jornais e na televisão pernambucana. Sua batalha começou com a invasão de populares que descobriram um terreno desocupado entre o centro da cidade e Boa Viagem. Deu-se o nome de Brasília ao terreno invadido porque estava sendo construída a Brasília (DF) e Teimosa porque no início foram derrubadas várias casas e à noite eram reconstruídas, sendo provada a força e a teimosia do povo. Até hoje é chamada Brasília Teimosa.

Durante todos esses anos, os moradores deste bairro com mais de 23 mil habitantes e 1,5 km² de extensão se preocupam com a sorte, pois é corriqueiro ouvir-se, principalmente em época de eleição, que Brasília vai ser removida. Trata-se de um local mais populoso que muitas cidades de Pernambuco. Pesquisas e mais pesquisas são feitas (já estamos de saco cheio), mas melhoramentos que é bom, "necas".

Há mais de 20 anos se espera que seja calçada a via principal do bairro, mas a ú-

nica coisa que fazem é colocar **metralha**, barro e areia, causando prejuízos aos moradores, pois aumenta o nível das ruas e não o das casas. Quando chove, como o terreno já está bastante solidificado, não absorve a água, criando poças e lama. Apesar do local ser cercado de água por todos os lados, nem sequer há galerias ou esgotos para estuar estas águas para a maré - e convém lembrar que 90% dos moradores pagam imposto predial.

Sempre que sai notícia de remoção, a população fica preocupadíssima (e quem não ficaria?) e quem "paga o pato" é a diretoria do Conselho de Moradores, pois não se sabe se é verdade ou não. Falta de interesse é que não é, porque essas informações são pedidas. Em 1974, foi enviado ao Presidente Ernesto Geisel um abaixo-assinado pedindo o aforamento da área para os moradores. A resposta: depende do governo federal. Até agora, nada.

Sempre são feitos planos urbanísticos com edifícios, hotéis, isso e aquilo, e quando se pergunta "e os moradores?", a resposta é "irão para uma área ainda a ser estudada. Se morando ali mesmo, com ônibus a Cr\$ 1,70, os bairros próximos para os biscates e o mar fornecendo alimentação de graça o povo já vive do jeito que vive, como será se ele for afastado da cidade?"



Moacir Luiz Gomes Filho

foto de Xirumba

A polícia acha que conselho de moradores já era

Moacir Luiz Gomes Filho tem 23 anos, estuda na Faculdade de Educação Física. Em abril do ano passado, foi eleito presidente do Conselho de moradores de Brasília Teimosa.

Você foi eleito por voto direto?

- Sim. Pela primeira vez, até os analfabetos puderam votar. E foi a eleição que teve mais gente votando, chegou a mais de 1.500 pessoas. Antes, nunca tinha passado de 800.

O que tem feito o conselho?

- A gente faz tudo para Brasília não ser removida. Orientamos as pessoas a fazerem as escrituras de suas casas, lutamos pra conseguir luz, água, calçamento.

Conte aí uma luta de vocês.

- Logo depois que a gente foi eleito, deu uma chufarada grande aqui e as ruas encheram. A única empresa que entra aqui é a Recifeense. Mas quando chove e fica muita lama, o dono da empresa manda os ônibus pararem na entrada, lá no asfalto. A gen-

te, que estava vendo o problema, pensou: "vamos ver se o povo está enxergando também." E fomos conversar com as pessoas. Aí era um que reclamava, dois, chegou em dezena, passou pra centena. Fizemos uns cartazes: "Valorize a si mesmo - a Recifeense nos desvaloriza, onde dizíamos pro pessoal tomar outro ônibus. Olha, rapaz, foi o maior sucesso. Todo mundo começou a boicotar a Recifeense. À noite, quando eu estava aí tomando umas cervejas, vieram uns amigos me avisar: "Te manda, Moacir, que o dono da Recifeense está aí te procurando com dois "uau-uau" (carros da polícia, assim chamados por causa da sirene). E ele também está armado". Bom, aí eu me mandei, que a fama do homem era de dar em cobrador com chicote de boi, dentro do escritório dele.

No dia seguinte, recebi uma intimação para comparecer na delegacia de Boa Viagem. Aí, chamei o pessoal do conselho e fomos todos juntos. Eu entrei com o resto da diretoria e fomos atendidos por um moço, advogado, que não era o delegado. Ele disse que o dono da Recifeense tinha feito uma queixa de que os comunistas estavam botando os ônibus dele. Nesse dia já tinha até saído no Diário de Pernambuco -: "Estudante incita povo a depredar ônibus" na manchete. Eu expliquei que não tinha nada disso, que eu era presidente do conselho de moradores. Sabe o que o rapaz disse: "Meu filho, esse negócio de conselho acabou, isso era antes de 64, hoje não existe mais".

Entrevista a Eduardo Homem

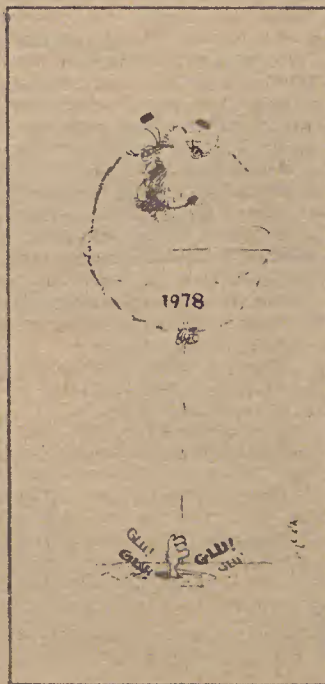
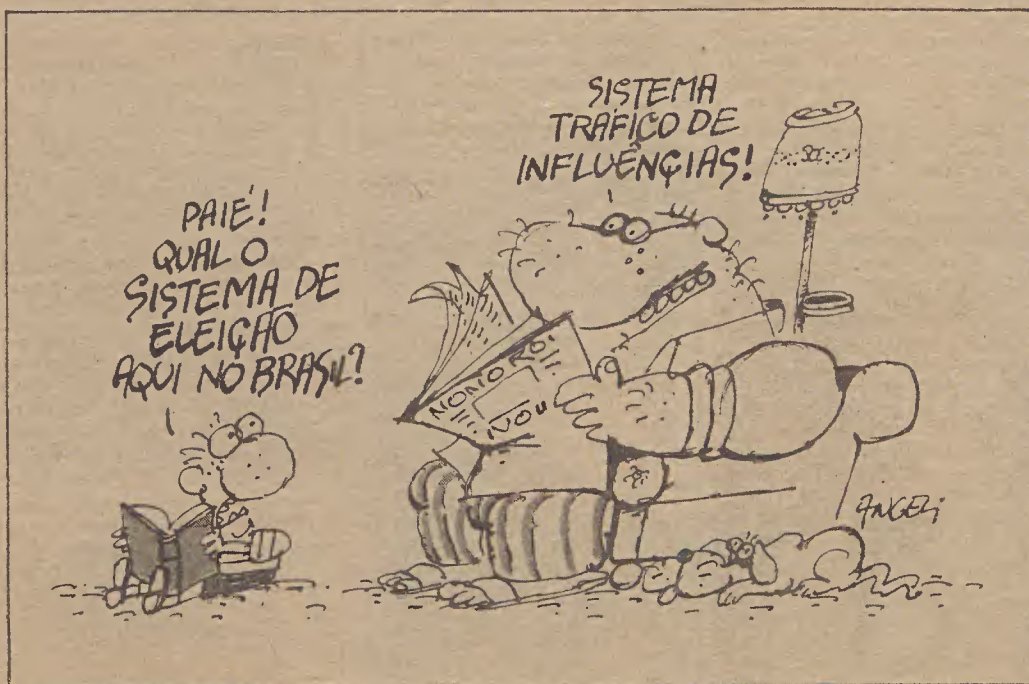


Foto de José Bittar



Manoel Messias Bacco

Entendidos no Poder

"No dia em que as bichas tomarem conta do mundo não haverá bombas. As guerras serão de flores!"

Manoel Messias Bacco, paulista, 50 anos, gordo e alegre, três filhos, militar da reserva remunerada, psicanalista de homossexuais, guru do movimento gay, traz no nome a marca do salvador (Messias) e o deus pagão do prazer e da bebida (Bacco). Por isso mesmo, nem sempre se segura:

- Em outra época ensinei o homem a beber e a gozar. Agora, voltei para ensinar à sociedade como ela deve se comportar. Deus não tem sexo. Portanto, deve ser andrógino.

Mas também fala sério, em defesa das minorias:

- Só se tivermos um candidato gay teremos idéia da força que temos e saberemos quantos somos. Se meu partido, o MDB, me permitir, sairei como candidato a uma cadeira na Câmara Municipal, defendendo os mesmos pontos que defendo há 25 anos: educação sexual nas

escolas, em todos os níveis; luta pela erradicação das doenças venéreas; estudo em profundidade da prostituição; defesa dos homossexuais.

A idéia da candidatura surgiu depois que os homossexuais elegeram Rosendo Roch, também homossexual, prefeito de Nova Iorque, nas últimas eleições. E foi reforçada com um episódio semelhante ocorrido numa cidade do interior de São Paulo, em 1976.

Em 1975, irritado com as determinações da censura que acabaram retirando de cartaz filmes como "Sacco e Vanzetti" (anarquistas norte-americanos condenados e executados por um crime que não cometeram), Messias Bacco escreveu uma carta aberta às autoridades repudiando este tipo de atitude. Na época, o chefe da censura era o general Antonio Bandeira (recentemente

promovido a general de exército). A resposta das autoridades foi imediata: Bacco foi punido com prisão disciplinar de 10 dias:

- Sai da prisão direto para me filiar ao MDB!

Seu consultório, uma sala espremida e escura no oitavo andar de um dos mais antigos prédios de São Paulo, a poucos passos do Correio Central, é uma espécie de "UPI" gay. Lá, ele recebe publicações homossexuais de todas as partes do mundo e as distribui para os dois jornais gay de São Paulo - cada um com 10 mil exemplares de tiragem. Em um deles - "Entender" - Bacco tem uma coluna fixa, uma espécie de consultório psicanalítico-sentimental, por onde passam "Bichona Arrependida", "Possível Homossexual", "Filho de Apolo", "Abelha Rainha", "Mimi da Galeria", "Musa da República" e outros.

A pequena sala é dominada por um retrato da filha de Freud, Ana Freud, aos 92 anos. O divã é cinza claro, de curvin. As janelas estão semi-fechadas, o ventilador parado. A irmã de Bacco entra oferecendo suco de uva, num copo com decalque de gatinho. Recuso. Bacco aproveita:

- Pode tomar sem medo. Não vira bicha, não.

Para ele, o machão deve muito ao homossexual:

- Os homossexuais sempre foram os homens mais viris. Veja o caso de Anibal, o Conquistador, Imperador da Macedônia. Veja os espartanos. O guerreiro espartano sempre teve seu éfebo (jovem que atingia a puberdade, na Grécia antiga). Aliás, os gregos... Dizem que Sócrates dormiu com 20 meninos numa só noite.

Cita também a história recente:

- O cravo vermelho é a flor dos amantes. E foram os homossexuais portugueses que começaram a colocar cravos vermelhos nas espingardas dos soldados, transformando o gesto no símbolo da Revolução Portuguesa, do 25 de Abril.

E os tempos negros da ditadura nazista:

- No Reichstag (alto-comando do III Reich, a república de Hitler), havia homossexuais, mas esses eram privilegiados. As bichas que não eram do Reich eram obrigadas a andar com uma camisa cor-de-rosa, marcadas, como os judeus. Daí, a cor-de-rosa ter se tornado a cor da bandeira gay: fundo cor-de-rosa e um círculo branco com a letra grega "lambda".

Não lhe escapa, também, uma ironia histórica: o Brasil, país aparentemente machista, tem sua constituição baseada no "Contrato Social", obra do filósofo e político francês Jean-Jacques Rousseau, escrita na época da Revolução Francesa, onde ele discute as relações do cidadão com o Estado:

- Rousseau era homossexual... nossa constituição

portanto tem resquícios... nossa constituição não considera o homossexualismo um crime. No Brasil, o maior problema para o homossexual é a própria marginalização da sociedade, não das leis. Na Argentina, é pior. Em alguns países da África se mata bicha.

Bacco mostra que os homossexuais estão em toda parte: na polícia, no futebol, no exército, nos bancos, nas escolas, nos jornais, na política. E em todos os países do mundo - socialistas ou capitalistas. Mas são minoria e marginalizados:

- O homossexual tem o grande problema de se assumir, sair do armário, principalmente numa sociedade como a nossa: uma sociedade que oculta o sexo. O pai não fala nisso, a mãe, muito menos. O menino tem que apreender na rua e, aí, começam os problemas. Depois, vira bicha. A família grita. Todo mundo goza. E daí?

Quando alguém pergunta a Bacco como é que ele pode aceitar uma bicha, ele responde:

- O bumbum é teu? Não. É dele. Então deixa ele fazer como o bumbum dele o que ele quiser.

Bacco não esconde sua repulsa ao feminismo. Acha as mulheres complicadas e as homossexuais (a maioria de seus clientes) quando imitam os homens se tornam grosseiras. Enquanto o homem, ao imitar a mulher, se torna gracioso:

- Quer saber de uma coisa? Mulher só vai ser igual a homem quando fizer xixi em pé.

Mas foi a partir do feminismo que ele elaborou uma teoria muito simples, que pretende desenvolver num livro. E ele tem certeza que o livro vai chocar a sociedade brasileira:

- O corpo humano tem muitas zonas erógenas. Conheço mulheres que sentem mais prazer no ânus que na vagina. Se as mulheres podem ter prazer no ânus, por que os homens não podem?

A.S.

Qual é o seu candidato?

● **Marlene, cantora:** Meu candidato? Quem sou eu para ter um candidato? Já que não vai ter eleição direta, que adianta gastar saliva falando nisso? O que eu sei é que o Magalhães mostrou ser um bom administrador e talvez seja um bom nome para a presidência. Agora, do Figueiredo eu não sei absolutamente nada. E não se pode dar um voto apenas pela simpatia pessoal do candidato - é necessário ouvir e sentir as pretensões de cada um, para poder cobrar mais tarde. Mas em princípio eu sou pelo civil, ainda que acredite que o Figueiredo possa ser um bom presidente. Afinal, o Geisel não está tendo um governo equilibrado?

● **Zirardo: Na atual conjuntura, evidente que é o careca. Rosa Maria Murtinho, atriz:** Que será que será, que andam murmurando pelas alcovas...

● **Aguinaldo Silva, jornalista:** Se eu tivesse que escolher alguém eu ficaria com Paulo Brossard, que pelo menos faz discursos inflamados e nada melhor do que um bom discurso. Agora, posso adiantar que, como aficionado do turfe, eu gostei muito do cavalo do Figueiredo, o Complexo. Em termos de cavalo, a filiação é muito importante. Aliás, outro bom candidato seria o Euclides, pai do Figueiredo, que se estivesse no páreo mereceria o meu voto.

● **Flávio Rangel, diretor de teatro:** Eu sou favorável à eleição direta e acho que só a partir do pluripartidarismo, com todas as correntes de opinião se manifestando, poderia surgir um candidato. Entre os que estão por aí, políticos ativos, eu votaria tranquilamente no Paulo Brossard ou Teotônio Vilela. Afinal, numa pessoa que acreditasse que o melhor regime é o regime do povo, pelo povo e para o povo. Um candidato que fosse eleito livre e diretamente.

● **Paulo Sérgio Valle, publicitário:** Se eu tivesse os poderes do Geisel, eu nem indicaria um candidato, se eu tivesse os poderes dele (risos) eu tentaria restabelecer a democracia, em primeiro lugar. Aliás, seria estabelecer a democracia, porque na minha opinião nunca houve democracia no Brasil. E, evidentemente, entregaria a escolha do candidato ao povo. Eu acho que um militar, a essa altura dos acontecimentos, vai agravar ainda mais a situação da nação. E se a gente fizer um retrospecto da história do país, vamos ver que a proclamação da República trouxe de imediato uma constituição mais rígida, mais forte do que aquela do tempo do Império. Os dois marechais, Deodoro e Floriano tinham mais poderes que os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II.

● **Carlinhos Maracanã, presidente da Portela:** Nada a declarar. Primeiro porque eu não sou eleitor, já que minha nacionalidade é portuguesa; e segundo porque não vai haver eleição.

● **Fauzi Arap, diretor de Teatro:**

● **Candidato à presidência?** Eu não tenho. Eu não posso votar, como poderia ter um candidato? A gente fica acompanhando as coisas à distância, pela imprensa, e ouve falar em Figueiredo e Magalhães Pinto. Eu acho que a queda do Frota foi boa, não é? Mas é um achar à distância. Eu gostaria que o presidente fosse um poeta, assim como Vinícius de Moraes.

● **Paulo José, ator:** Eu não tenho candidato. Só vou poder escolher quando houver eleições democráticas. Na situação que estamos hoje eu não posso me manifestar. A escolha de um nome à presidência só poderia acontecer dentro de um processo político vivo e democrático.

● **Quavio Augusto, ator e presidente sindical:** Meu candidato? Realmente não sei, faz tanto tempo que a gente não pensa em eleger presidente da república... mas eu já votei. Espera aí, pra presidente? Acho que nunca, eu tenho 32 anos, nunca votei pra presidente da república, olha que loucura, nunca elegi ninguém. Quando eu era garoto, ajudava meu tio a preparar palanque pra comício, distribuía vassourinha do Jânio, isso lá em São Manuel, terra do Ademar de Barros. A praça cheia de gente, todo mundo discutindo, e o Jânio ganhou por 154 votos, nunca me esqueci, o nosso comitê ficou em polvorosa. Eu acho que tinha votado, veja só, e era uma criança.

● **Ibrahim Sued (colunista social):** Ora, o candidato da Arena é o Figueiredo. O Magalhães não tem chance alguma e vai perder na Convenção. Não se pode apostar em quem vai perder.

REGINA DUARTE

"Eu curto a democracia"

FOTOS DE ELIANA PASTORE

1. Regina Duarte - a doce Nina - é figura obrigatória em 10 milhões de aparelhos de tevê todas as noites. Luta pela liberdade, contra a discriminação da mulher. É uma mulher ativa, sempre disposta a engrenar os obstáculos no seu caminho.

2. Regina Duarte, 30 anos, 14 de televisão, está magra e cansada. No corpo, a túnica simples de Branca Dias, sua personagem na peça "O Santo Inquérito". Desce do táxi na porta do teatro e está atrasada. O pública espera já nas cadeiras. a "namoradina do Brasil".

Repórter - - Você toparia uma entrevista sobre política?

Ela pensa um pouco para responder:

- Só sobre política, não. Sobre política, teatro, tv... afinal, tudo é política, não é?

3. Regina está no camarim do teatro, um dia depois da queda do ministro Sílvio Fresta. Comenta pronunciamentos governamentais, com certa ironia:

- Dizem que não aconteceu nada, tudo tranquilo... Se penteia e se maquia para filmar:

- Acho que tudo, quanto mais barato, melhor... pois a vida está muito cara.

4. À tarde, na lanchonete do teatro, Regina vestida "à la cigana", uma grande saia rodada. Passo-lhe as perguntas rabiscadas numa lauda. Ela coloca óculos e lê a primeira pergunta em voz alta:

- Onde estava em março de 64 e como entendeu os acontecimentos?

Deixa para responder depois. Olha as outras. A algumas responde no ato:

- Tem votado na Arena ou no MDB?

- No MDB. Anular não acho legal. Votar na Arena também não.

- **Gostaria de votar para presidente da República?**

- Que tentação... votar é bom demais... eu curto a democracia, sabe?

5. Dois fotógrafos começam a trabalhar. Regina acha divertido se deixar fotografar sem maquiagem, o rosto bem branco.

- **Como atriz principal da novela você tem muito poder? Poderia abandonar uma personagem no meio por algum motivo?**

- Me aconteceu uma coisa muito parecida na novela que estou fazendo, "Nina". A gente estava gravando o capítulo 80 e no ar estava o 70. **Durante a gravação, correu um boato: a censura tinha mandado regravar os 10 últimos capítulos. Na hora falei: eu não regravei! O que gravei, eu assumo! Que é isso, brincadeira? Eu não reformulo. Saio da novela. Matem a Nina! Escrevam assim: no capítulo 70, Nina morreu.**

Moças e crianças se aproximam de Regina, pedem autógrafos.

6. Descemos ao teatro, vazio, onde todas as noites Regina faz o único papel feminino, a moça paraibana do século XVII julgada herege pela inquisição.

Sentamos no meio do cenário.

- **Onde você estava em 1964?**

- Em março de 64 eu estava em Campinas, na casa de meus pais. Meu pai, tentente da reserva e meu mentor político, contou o que tinha acontecido. No dia 1º de abril lembro que almoçamos e jantamos tranquilos. "O país está a salvo do comunismo, o exército tomou conta" disse meu pai. Alguns dias depois percebi que as coisas não eram tão simples. Tinha

havia um golpe e havia pessoas descontentes...

Em 68, a cabeça de Regina estava dominada por idéias hollywoodianas de sucesso:

- Não encarei 68, fugi. Quando começaram as greves e as manifestações de rua, tranquei matrícula na escola de teatro, casei com o homem que amava e mudei para o Rio, contratada pela Globo.

7. De 68 pra cá, como a maioria dos brasileiros, ela não falou em política:

- Em 77 é que se começou a falar nisso, antes ninguém falava. Por isso não conheço direito meus anseios ideológicos, estou tateando, como uma criança que aprende a engatinhar.

8. Depois de se ver no espelho, Regina traz uma preocupação aos fotógrafos: não sairia feia demais sem maquiagem?

- Tenho uma imagem, sempre tiro fotografias ma-

quiada, é dessa maneira que meu rosto é aceito nas revistas e na tv.

Os fotógrafos garantem que o rosto está bem. Ela sossega.

9. - **Como se sente em ganhar centenas de vezes mais que o salário mínimo do país?**

Regina ri bastante, balançando o tronco.

- Meu analista ia gostar tanto dessa pergunta! (Ele é Flávio Gikovate.) Me sinto bem. Muito bem. Já tive uma cul-pa... daquelas de andar olhando pro chão! Para o trabalho que faço acho que sou até mal paga. Estão é me devendo! Quer saber como me sinto? Roubada! Porque eu vendo sabonete... eu vendo tudo! E tenho que estar sempre atenta, a cabeça tinindo. Enquanto o assalariado - mal pago! - leva sua vidinha, faz seu sexo, não tem as preocupações que tenho.

- **Já fez propaganda pro governo?**

Já, para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

- **Faria de novo?**

- No futuro, não sei. Hoje não faria.

- **Pensou alguma vez num cargo político?**

Regina se planta de quatro, bate as mãos espalmadas no chão:

- **E aqui que faço minha política! No palco!**

10. - **O que é totalitarismo segundo Regina Duarte?**

- **Eu acho que as bases da sociedade são comida e sexo. Se todo mundo come e faz sexo normalmente, a sociedade caminha. Se eu tiro pão e sexo das pessoas, elas ficam confusas, fracas. Elas estarão na minha mão. Eu acho que isso está acontecendo no mundo todo, a falta de pão e sexo. Muito no Brasil.**

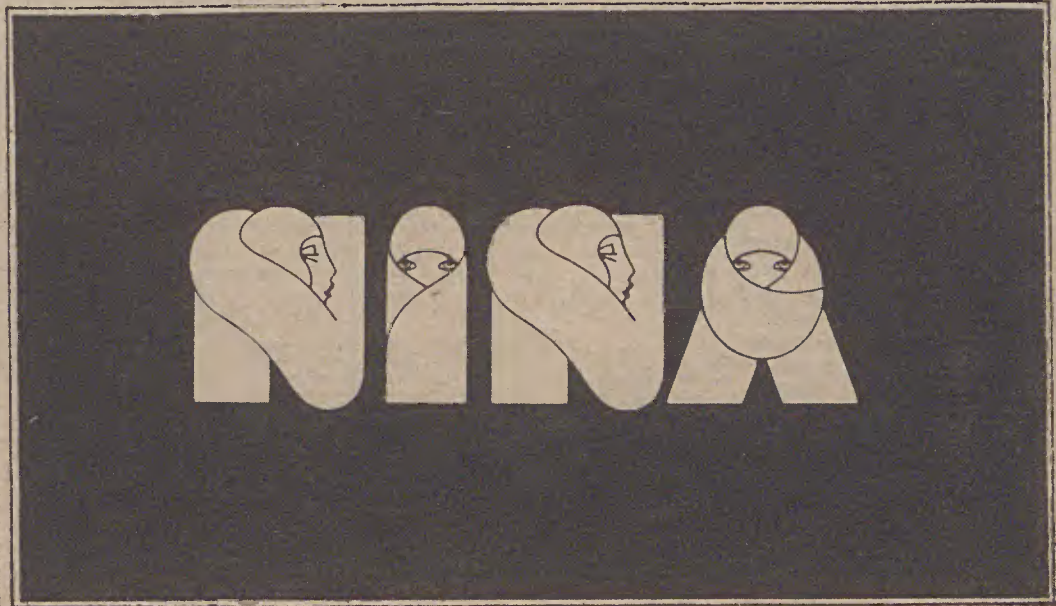
- Carninhos para o totalitarismo?

- **Eu sou otimista. Acho que está havendo já uma vontade irrefreável de liberdade, crescendo em todo o mundo.**

11. - Pelo último filme que fez - **Daniel, Capanga de Deus** - recebeu o maior salário do cinema brasileiro: 150 mil cruzeiros por 15 dias de filmagem, mais 10% sobre a bilheteria. O recorde anterior era de Sonia Braga: 50 mil cruzeiros por **Dona Flor e Seus Dois Maridos**. O diretor e produtor do filme, João Batista Reimão, proprietário de 9 estabelecimentos de ensino em São Paulo, era cliente do mesmo analista de Regina Duarte. Agora, ela processa Reimão, na Justiça: ele usou como material de propaganda do filme fotos em que ela aparece quase nua.

- Em primeiro lugar, tocou nos meus sentimentos de moça do interior, que sou. Ainda não estou liberada sexualmente. Na hora de filmar nunca fiquei nua, os efeitos de nudez foram conseguidos pelo câmara, um ótimo profissional. E também estou levando esse processo à frente porque é a primeira vez que uma atriz faz isso, não deixa pra lá. Eu vou lutar para vencer na Justiça, quero abrir esse precedente pra minha classe, pra minhas colegas.

Alex Solnik





Em 1965, a foto premiada: "Como subir na vida fazendo força".



Na máquina de Luiz Pinto, a mesma ironia de Chaplin, quando criticava Hitler em seu filme "O Grande Ditador".



Costa e Silva e Castelo Branco nunca se deram muito bem. Ninguém falava disso. Mas Luiz Pinto mostrava.

O fotógrafo (clic) Luiz Pinto (clic) nunca deu sossego ao Presidente (clic).

"Um batedor do Costa e Silva jogou a moto em cima de mim. O capitão Infantini, da segurança do Médici, só tratava a gente na base do palavrão."

Um dia, num almoço na Belém-Brasília, o fotógrafo percebeu que o presidente Juscelino saiu do galpão meio às escondidas. Foi atrás dele e o surpreendeu fazendo xixi atrás da parede. Juscelino só percebeu sua presença quando ouviu o clic da máquina. Ai já era tarde. O presidente sorriu e disse: "só quero ver o seu jornal publicar". E voltou para o galpão.

Em outra ocasião, o então Ministro do Exército Artur da Costa e Silva chamou o fotógrafo num canto, numa solenidade na Vila Militar, e insultou-o com palavrões que ele engoliu sem reclamar.

Mas por que um Ministro se daria ao trabalho de xingar um fotógrafo profissional? Luiz Pinto, 44 anos, fotógrafo desde os 16, é bastante conhecido na área militar, pelos anos desde 1964. Ele viajou com Juscelino, Médici e Geisel à Europa e, toda vez que um Presidente da República vem ao Rio, lá está ele driblando a segurança e fotografando o que os leitores verão no jornal no dia seguinte. Ele foi o responsável pelas fotos mais esdrúxulas de Castelo Branco publicadas

na imprensa diária. Repetiu a dose com Costa e Silva e teria continuado na fórmula, mas duas coisas o impediram: a segurança e a própria indiferença dos jornais.

- De que adianta eu fazer a foto do presidente com o dedo no nariz, se o jornal não vai publicar? perguntou o fotógrafo. Realmente, hoje é muito difícil um jornal publicar uma foto do presidente diferente da versão quadrada oficial. Nem é preciso haver censura, como na **Tribuna da Imprensa** onde um zeloso funcionário do governo aprova ou desaprova fotos; os próprios jornalistas que dirigem os jornais evitam a divulgação de fotos que julgam "problemáticas". É a auto-censura dentro das redações e dos laboratórios. Luiz Pinto diz que na própria revelação dos negativos o pessoal da fotografia já vê o que deve copiar ou não, o que vai agradar ou desagradar ao chefe da redação, ao editor, ao diretor.

Mas o maior o stáculo ao trabalho de Luiz Pinto é a segurança que o seguiu por toda a parte, que atrapalhou a sua foto. Muitas vezes, ele já teve filmes confiscados pela se-

gurança, já levou puxão de paleto, empurrão, cotovelada na barriga quando se aproximava da "grande área". E o pior é que a autoridade máxima - no caso o presidente - nunca apita pênalti: continua distribuindo sorrisos sem saber o que se passa ao seu redor.

- No tempo do Juscelino - lembra o fotógrafo - a gente tinha de ficar num lugar determinado pela segurança, como acontece até hoje: Ai o presidente vinha andando e a gente não podia trabalhar direito. Então a gente reclamava, o presidente parava, sorria, mandava um assessor saber o que era e liberava a área. Era outro papo. Hoje é diferente. Num lance como esse do Juscelino, eu seria levado preso. Os presidentes de agora não são eleitos pelo povo, então precisam estar cercados o tempo todo.

Luiz Pinto já foi preso e levou alguns safanões trabalhando para jornais, "mas o patrão não quer nem saber disso", ou seja: o risco é todo dele.

- Uma vez, o Castelo estava numa cerimônia no IBC, se não me engano, quando um continuo ofereceu um café. Ele ia aceitar, mas me viu de máquina na mão e recusou. Ai percebeu que não ficava bem recusar café no Instituto Brasileiro do Café e pegou na xícara. Quando ele levantou a xícara ou levantei

a máquina. Ele baixou a xícara. Lentamente, foi virando as costas para mim, mas eu dei a volta e fiquei numa posição em que poderia fotografar. Ele percebeu, mas já era tarde. A foto ficou curiosa mas ele também não gostou.

De outra vez, Pinto fotografou Castelo subindo num jipão do Exército. A foto foi publicada com o título: "como subir na vida fazendo força". Castelo, obviamente, não gostou e Luiz Pinto ficou marcado para o resto dos dias do ex-presidente. Tanto que teve a credencial cassada no Palácio Laranjeiras e não pôde mais cobrir a presidência no governo de Castelo.

- Mesmo assim, o Castelo, de todos os presidentes da revolução, foi o que eu mais gostei.

Foi o único que sempre respeitou o trabalho da imprensa. Se você for no meu armário lá no **Globo** vai ver que tenho uma foto colorida do Castelo pregada na parte de dentro. Até hoje, tenho a maior admiração por ele. Os que vieram depois foram todos violentos, principalmente depois do AI-5, quando a barra ficou pesada para nós da imprensa. Uma vez, um batedor do Costa e Silva jogou a moto em cima de mim. Me pegou de raspão na perna, mas poderia ter me atropelado.

Aliás, Pinto acha que a segurança mais difícil para os fotógrafos foi a do Costa e Silva. Foi o presidente que mais maltratou a imprensa. Mas o recorde de violência ficou com a guarda presidencial do Médici, por causa do capitão Infantini. Esse era um osso duro de roer. Luiz Pinto tem dele as piores lembranças. Só tratava a imprensa na base do palavrão e xingamento, reclamava de todo mundo e fazia o possível para atrapalhar as coberturas das cerimônias em que o presidente comparecia.

- Esse negócio é curioso, porque tem sempre três polícias cuidando da segurança: a segurança pessoal do palácio, a polícia estadual - Dops - e a polícia Federal. Já imaginou o que é driblar toda essa gente? Por isso é que eu digo que já fui repórter-fotográfico de imprensa. Hoje sou fotógrafo de empresa.

Tanto faz trabalhar no **Globo** como no BNDE. Só faço o que me permitem. Não há a mínima liberdade de imprensa. Se eu fizer como no tempo do JK e gritar "presidente" para o Geisel, tenho certeza que a segurança vai enfiar a mão na minha cara e ninguém vai fazer nada. Eu acho até que, se o Geisel soubesse o que a segurança dele faz com os fotógrafos, ele mandava parar.

Gollo

GENERAL PERY BEVILACQUA: " O SNI não é escola de democracia pra ninguém."

Entrevista a Lucia Murat e Paulo Adario

- Nasci no antigo Distrito Federal, Rio de Janeiro, no dia 9 de julho de 1889. Eu sou ainda do século passado. Estou com mais de 78 anos. Sou general do Exército e Ministro aposentado do Superior Tribunal Militar. Aposentado, aliás, pelo AI-5, quando faltavam poucos meses para completar a idade limite de 70 anos e ser aposentado normalmente. Mas, a antipatia ou o ódio político não sabem esperar.

O General Pery Bevilacqua falou ao **REPÓRTER** sobre Figueiredo - "o SNI não é escola de democracia para ninguém", de Magalhães Pinto - "sua candidatura é uma forma de arrependimento por ter assinado o AI-5", e do seu candidato, caso houvesse voto direto: o Senador Paulo Brossard.

Repórter - O que o senhor acha da indicação do General João Batista Figueiredo para Presidência da República?

P. Bevilacqua - O povo brasileiro não precisa de tutores. Discordo do modo como está sendo encaminhado o processo sucessório, pois discordo da essência deste regime. Quem deve escolher seu governante é o povo, em voto direto e secreto.

O Figueiredo? Não sei. Pode ser que realmente conduza o País ao estado de direito, se realmente saiu ao pai. Um democrata que se bateu contra a ditadura do Getúlio, sendo preso e exilado por ter participado da Revolução Constitucionalista de 32.

Mas o mais importante é a imanência da história. É inútil tentar segurar a marcha de um povo. E o povo brasileiro aspira por liberdade. Basta ver que uma pequena liberdade de imprensa - consentida - abriu campo a tanta discordância. Mostrou que a opinião pública está contra o regime de exceção em que vivemos. Pode ser que o Figueiredo perceba tudo isto. Mas o problema é que o SNI não é escola de democracia para ninguém.

Repórter - O que o senhor

acha da candidatura do Senador Magalhães Pinto?

P. Bevilacqua - Acho que ele tem o direito de ser candidato. E, aliás, acho que se encontra em uma situação muito especial. Penso que está com contrições de arrependimento por ter sido um dos signatários do AI-5. Errou. Mas todos nós somos humanos.

Acho que Magalhães tem qualidades para levar o país ao estado de direito. E assim estaria corrigindo erros para os quais contribuiu. Embora ele declare que quando assinou o AI-5 pensava que fosse de curta duração. Foi iludido, naturalmente. O mais provável é que esteja cumprindo um dever de consciência.

Repórter - Caso houvesse voto direto para a presidência, qual seria o seu candidato?

P. Bevilacqua - Você está me surpreendendo com uma pergunta que eu não meditei. Mas, vejamos. Em princípio, eu escolheria um homem dotado de verdadeiro amor, à liberdade, de verdadeira integridade aos princípios republicanos e democráticos. E este homem eu iria procurar no MDB. Assim de momento, eu diria que o meu candidato é o Senador Paulo Brossard.

Repórter - Qual o problema mais grave que o senhor vê na atual situação política do país?

P. Bevilacqua - O que me assusta mais é ver toda essa juventude, que cresceu abaixo desse regime e desaprendeu o significado da liberdade. Aqueles que se revoltaram contra esse estado de coisas foram perseguidos como criminosos. Acusados

de comunistas, banidos e presos. Desenvolveu-se como nunca a indústria do anti-comunismo. Me pergunto que fortuna deve gastar o país para sustentar tanta polícia secreta. Tanta repressão.

Repórter - Em 1964, o senhor era Chefe do Estado Maior das Forças Armadas. Como o senhor analisa hoje aqueles acontecimentos e suas conseqüências?

P. Bevilacqua - Em 64, eu não conspirarei. Moralmente estava impedido, pois exercia um cargo de confiança da Presidência da República. Mas a revolução foi feita para restaurar a democracia no país. Como em 1930. Mas depois vimos as coisas como se passaram. E como se passam hoje.

Então, estes fatos me levam, na altura da vida em que me encontro a uma conclusão definitiva. Que será sempre preferível suportar um mau governo do que fazer uma boa revolução. Porque as revoluções políticas, quando vitoriosas, somente a princípio cumprem alguns dos compromissos. Em seguida, degeneram, se desviam, e vem a praticar os mesmos erros que apontavam nos adversários.

PELA ANISTIA

"Ninguém poderá negar a evidência de que constitui hoje um anseio generalizado, uma legítima aspiração nacional, a volta do País ao estado de direito. Mas para tanto são indispensáveis três medidas.

A primeira: **anistia política ampla**. Pois este é o problema político número um do Brasil. Anistia é o perdão, é o esquecimento, é o eterno silêncio. Ela tem a virtude de desarmar os espíritos, de extinguir a sementeira de ódio que as injustiças e as violências provocam. Assim, no Brasil, se tivesse havido anistia aos revolucionários de 1922, também não teria ocorrido exatamente dois anos depois o segundo 5 de julho com os seus desdobramentos posteriores. A anistia é uma medida de alta sabedoria política. Não é uma medida sentimental, como erroneamente alguns consideram. Caxias, que se projeta na História como o pacificador, dela sempre lançou mão para coroar de êxito suas vitórias militares.

A segunda medida é a **revogação do AI-5**. A sua existência, incrustado na constituição e dominando-a completamente, torna impossível

a democracia. O estado de direito é incompatível com o AI-5. O ato é igualmente inconciliável com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948, de que o Brasil é signatário, pois que atenta frontalmente vários de seus postulados. Só este fato justifica a urgente revogação deste abominável ato institucional. Um tumor maligno que compromete irremediavelmente a saúde do regime político vigente no Brasil.

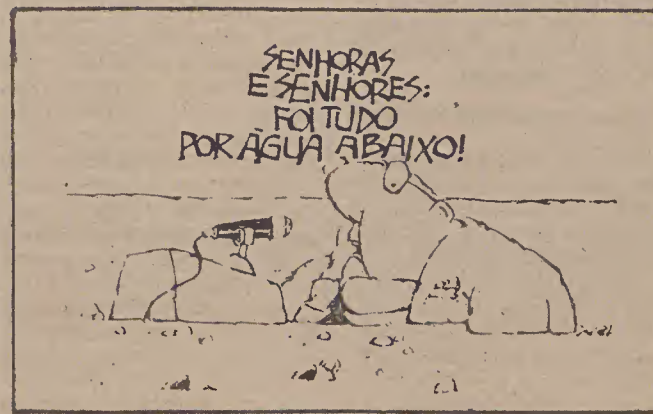
Finalmente, para que se possa voltar à posse de si mesmo e à dignidade de um estado de direito, é necessário a revogação das reformas discricionárias de abril de 77. O chamado pacote de abril.

Lembro Benjamin Constant: "Se na democracia é condenável o domínio de qualquer classe, mais condenação deve haver ao predomínio da espada, que tem sempre mais formas e melhores meios de executar os abusos e prepotências". Esta frase continuará sempre atual e só não sentirão assim aqueles que tiverem alma de subservientes no de prepotentes.

Assim, reintegrados na plena vigência da constituição,



Pery, Castelo e os tenentes de 1024. Nos porões do navio Belmonte: todos presos.



haverá a mais ampla liberdade de ser espírito, católico, ateu, monarquista, republicano, anarquista, comunista, etc. Todos temos o direito legal de ser qualquer dessas coisas e divulgar livremente nossas idéias. E nos reunirmos, sem armas, para discutilas e combinar ações visando a sua divulgação e proselitismo. Os comunistas, por exemplo, tem o direito de ser comunistas e nós temos de respeitar este direito" **Pery**

Constant Bevilacqua

ANTES



Dutra, Ademar e a Igreja



Fotos Agência Globo
Getúlio



FOTO-DE ERNO SCHNEIDER

Jânio deixa a presidência (1961)



Juscelino, o general Vernon Walters (da CIA) e o presidente Eisenhower



Jango no comício do Automóvel Clube (março de 64).

Como se faz um presidente

Há 14 anos, um seleto grupo de personalidade "elege" o presidente de 100 milhões de brasileiros.

A nomeação dos presidentes da República como resultado de articulações de bastidores foi reintroduzida na história do Brasil no dia seguinte ao movimento militar de 1964. Nesses últimos 14 anos, de Castelo Branco a João Baptista Figueiredo, todas as sucessões foram disputadas em gabinetes fechados - cada vez mais fechados. As primeiras, ainda incluíam no roteiro de negociações alguns apartamentos particulares. A última não precisou nem disso: podia ser feita num único prédio deste Brasil onde se concentram os principais poderes da República: o Palácio do Planalto.

Mas não se pense que, por isso, as sucessões estiveram desprovidas de lances emocionantes, de momentos de angústia, de horas de tensão. Nada disso. Só que, no lugar do povo delirando em praças públicas ao ouvir seus candidatos, do cidadão comum

acompanhando ao rádio minuto a minuto a marcha das apurações, dos partidários dos vencedores assustando-se diante das ameaças dos vencidos de virar a mesa, o que se teve ao longo de quatro espinhosas sucessões foram jogadas cujos êxitos eram saudados por grupos pequenos em volta de mesas de reunião, contatos cujos resultados levavam dias para aparecer, momentos decisivos que precediam à adesão do presidente em exercício ao postulante da sucessão.

Ou seja, há 14 anos que um seleto grupo de personalidades privilegiadas "elege" em sui generis eleições o presidente de 100 milhões de brasileiros. Estes em sua esmagadora maioria só vêm a conhecer o homem depois de ungido o que, afinal, não muda muita coisa, exceto se desde logo o futuro presidente revela suas preferências pelo Flamengo.

Lacerda ganha (e não vai levar)

O primeiro presidente "revolucionário", Humberto de Alencar Castelo Branco foi eleito exatamente por sete personalidades: os governadores Carlos Lacerda (Guanabara), Ademar de Barros (São Paulo), Magalhães Pinto (Mi-

nas Gerais), Ildo Meneghetti (Rio Grande do Sul), Mauro Borges (Goiás), Ney Braga (Paraná) e Fernando Correa da Costa (Mato Grosso).

Tudo se passou em reuniões realizadas no Rio, organizadas por Lacerda que, num rush de articulações na área civil e militar, já tinha obtido todos os apoios necessários a Castelo Branco. O

general, todos sabiam, era um lacerdista e o governador carioca esperava que ele ficasse esquentando lugar até as próximas eleições presidenciais quando Lacerda, em pessoa, desejava chegar ao trono.

Em articulação, é preciso saber argumentar. E Lacerda tinha bons argumentos para mostrar a necessidade de se "eleger" rapidamente o novo presidente e de que ele fosse um militar de prestígio. Assim, de cara, afastava as pretensões do governador de Minas, Magalhães Pinto que, como "líder civil da revolução" já sugeria a possibilidade de vir a ocupar o lugar deixado por João Goulart.

Haviam duas resistências. Uma era a do governador de São Paulo, Ademar de Barros que preferia ver o comandante do II Exército, general Amauri Kruel, na Presidência. Kruel seria para Ademar o que Castelo poderia ter sido para Lacerda. A outra resistência era do ministro da Guerra, general Artur da Costa e Silva que, como "comandante em chefe das Forças Revolucionárias", também se julgava no direito de ser eleito presidente.

Entretanto, nem um nem outro conseguiu reunir forças suficientes para se impor a Castelo Branco. Mesmo porque, o chefe do Estado Maior das Forças Armadas era um nome de prestígio e

respeito contra o qual ficava muito difícil fazer objeções.

Um dos segredos da boa articulação é saber escolher o nome certo (cidadão acima de qualquer suspeita) já que idéias ninguém discute. Todos têm as mesmas, o problema é sobre quem vai executá-las e colher os louros da função.

A vez dos coronéis

Os políticos pensaram que poderiam controlar o movimento militar e usá-lo em seu próprio benefício. Lêdo engano. Em menos de um ano, tanto Lacerda, quanto Ademar, como Magalhães Pinto já eram carta fora do baralho. Novos poderes surgiam, como o dos coronéis que chefiavam IPMs pelo Brasil a fora e estavam sabendo de tudo sobre a vida de todo o mundo. Também Castelo Branco preferia cercar-se de velhos companheiros de farda, militares há muito tempo acostumados a exercer funções administrativas civis, como os marechais Ademar de Queirós e Cordeiro de Farias, os generais Golbery do Couto e Silva e Ernesto Geisel, etc.

Os políticos não souberam ganhar as eleições de 1965 e a linha dura dos coronéis se

impôs. Castelo Branco, mesmo contra a vontade, teve que assinar o Ato Institucional nº 2 que acabou de vez com os últimos resquícios de legalidade constitucional.

Com os políticos em franca debandada depois do AI-2, só restava uma força com organização suficiente para fazer o sucessor de Castelo: os militares. Entre estes, os todo-poderosos coronéis de IPM (Montagna, Fontoura, etc) começaram a articular o nome do ministro do Exército, Costa e Silva. Da articulação fazia parte, também, o chefe de Gabinete do ministro, general Jaime Portela, que conquistou a adesão do líder da Arena no Senado, Daniel Krieger e, com ele, de todos os políticos governistas. Outro importante articulador (aliás, o principal deles), era o coronel Mario David Andreazza encarregado dos contatos entre cada uma das personalidades envolvidas: uma espécie de embaixador itinerante de Costa e Silva.

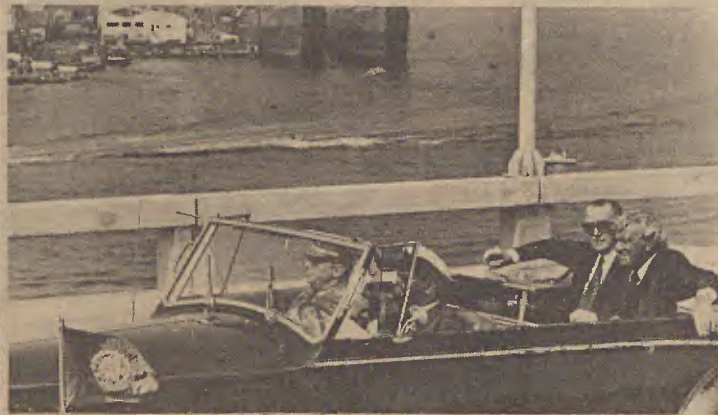
Quando o negócio já ia longe, Costa e Silva encomendou a dois deputados - Anísio Rocha do MDB e o coronel Costa Cabral, da Arena - que largassem seu nome, o que foi feito. Castelo Branco tentou reagir, le-

DEPOIS

foto Luiz Pinto



Castelo Branco



Médici, Andreazza e Figueiredo no banco da frente



Costa e Silva



Geisel

vou um ano para se dobrar à situação tentando fazer seu sucessor entre os marechais Cordeiro de Farias e Ademar de Queirós e os deputados Nei Braga e Bilac Pinto, mas nada conseguiu. Uma última jogada, com apoio de Golbery e Geisel, foi convidar Daniel Krieger para sucedê-lo, numa tentativa de rachar a frente "cotista". Não deu certo: Krieger recusou.

Um documento do próprio Castello Branco e divulgado por Daniel Krieger em seu livro de memórias **Desde as missões...** dá bem uma idéia de como se fazem "campanhas" nesses ambientes. Diz Castello: "É lamentável que oficiais, na propaganda precipitada da candidatura de Costa e Silva, assoalhem mentiras de humilhações do presidente face a atitudes dominadoras do ministro da Guerra, desfigurem a lealdade do Chefe do Exército como um favor ao Chefe da Nação, criem a chantagem de que já houve um levante na guarnição do Rio, procurem amesquinhar as ações corajosas e leais do ministro Juracy Magalhães, inimizando-o com o Exército, lancem dentro do Exército desconfianças sobre o ministro Cordeiro de Farias, atribuam maliciosamente intrigas ao correto e irrepreensível trabalho do SNI (leia-se Golbery), espalhem mentirosas notícias sobre a conduta honrada do Gabinete Militar da Presidência (leia-se Geisel) etc".

Depois dos rituais de praxe (convenção, eleições no Congresso, etc), Costa e Silva tomou posse no dia 13 de março de 1967.

A derrota dos nacionalistas

Durante o governo Costa e Silva consolida-se aquilo que passou a ser conhecido como "o sistema". São seus componentes:

- os **esquemas** da tecnoburocracia, ou seja redes de técnicos e executivos de empresas estatais e órgãos da administração, ligados por laços pessoais, desprovidos de maiores definições políticas e estreitamente relacionadas com grandes grupos econômicos e financeiros. O esquema de Delfim Netto (ministro da Fazenda) liga-se ao mundo financeiro, especialmente ao banqueiro Amador Aguiar. O esquema de Andreazza (ministro dos Transportes) liga-se às grandes construtoras, especialmente à Camargo Corrêa.

- as **Forças Armadas**, guardiãs do **sistema**, dentro das quais vai se tornando cada vez mais forte a chamada "comunidade de informações", organismos de segurança que a crescente atividade da guerrilha urbana torna maiores e mais poderosos, inclusive com ilimitado apoio financeiro público e privado.

O **sistema** quer fechar mais ainda o regime. Arranja um pretexto através de obscuro discurso do deputado Marcio Moreira Alves, conseguindo arrancar de Costa e Silva o Ato Institucional nº 5.

Com ele, os políticos são definitivamente marginalizados e os partidos só sobrevivem para manter as aparências. Já que o povo estava de fora,

tudo podia ser resolvido dentro dos **esquemas**.

Mas morre Costa e Silva e assume a Junta Militar, uma forte corrente militar quer fazer o general Albuquerque Lima presidente. Essa candidatura vinha sendo articulada por capitães e majores nacionalistas, absolutamente descontentes com o entreguismo de Roberto Campos e seu sucessor na direção da política econômica, Delfim Netto. Esses oficiais chegaram até a promover uma consulta nas unidades militares que revelou absoluta preferência por Albuquerque Lima. Tivesse sido ele o sucessor de Costa e Silva, certamente seria o que mais próximo andou de uma escolha democrática. Mas não foi. Liderado pelo chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Orlando Geisel, o Alto Comando achou que o apoio de capitães a Albuquerque Lima poderia começar romper com a hierarquia.

E impôs o nome do general Emilio Garrastazú Medici, chefe do SNI (isto é, da "comunidade de informações") para a Presidência. Orlando Geisel ganhou o Ministério do Exército.

A volta

dos Castelistas

Durante o governo Costa e Silva e também no governo Medici, o grupo castelista foi mantido à margem do centro das decisões do **sistema**.

Quando Médici chegou ao poder (e com ele Orlando Geisel), o grupo (Golbery

Cordeiro de Farias, Ademar de Queiros, etc.), resolveu trabalhar para voltar e, em 1969, por sugestão do general Idálio Sardemberg, promoveu a candidatura de Ernesto Geisel.

Esta era uma candidatura que tinha de ser muito bem trabalhada pois tratava-se de conquistar posições dentro de um **sistema** já bem estruturado. Por isso, ela terá estabelecido as primeiras regras sobre como ganhar **eleições**, hoje em dia, no Brasil. O negócio é criar fatos cujo real significado apenas um reduzido grupo de iniciados possa entender. Não se trata de fazer campanha para ganhar votos, mas de ocupar posições para conquistar **esquemas**.

Assim, a translação do corpo de Castello Branco para o Rio, além de uma manifestação de homenagem ao ex-presidente, era também o anúncio da reaglutinação do grupo. Quando Eduardo Gomes mostra-se indignado com as torturas na Aeronáutica e provoca a queda do ministro Márcio Souza Melo e o afastamento de diversos brigadeiros, estava de fato levando ao poder o grupo liderado pelo brigadeiro Délio Jardim de Matos, ligado a Geisel. Quando o general Rodrigo Otávio consegue obter do Alto Comando do Exército uma resolução segundo a qual esse órgão se absteria de discutir a sucessão, estava realmente transmitindo a todos os interessados que nenhum general de quatro estrelas no exercício de funções militares postulava a sucessão.

Quando Médici viu, a can-

didatura de Geisel já ia longe, inclusive com largo respaldo nos deserdados meios políticos, bem articulada nos escalões intermédios da tecnoburocracia (daí a grande renovação havida no seu governo) e bem plantada nas posições militares-chaves. O presidente ainda tentou ganhar tempo anunciando a abertura do debate sucessório para o segundo semestre de 1973, na esperança de poder fazer sucessor um desses generais - Antonio Jorge Corrêa, Adalberto Pereira da Silva, Candal da Fonseca - ou um desses civis - Leitão de Abreu ou Delfim Netto.

Um episódio precipitou tudo. No dia 22 de junho desse ano, um coronel se apresenta no Palácio do Planalto para tentar articular a candidatura do comandante do II Exército, general Humberto de Melo. O chefe da Casa Militar de Médici, o hoje sucessor João Baptista de Figueiredo, metido nas articulações "geiselistas" desde os seus primórdios, detém o oficial e avisa ao ministro do Exército, Orlando Geisel.

Geisel vai incontinentemente ao palácio, reúne-se com Médici e apresenta fortes argumentos para forçar a decisão. Sai da reunião, já sabendo que o mano Ernesto será o sucessor.

Cumpridos os rituais, Ernesto Geisel toma posse. E seu grupo, para não ser surpreendido como na época de Castello Branco, não perde tempo. Escolhe o futuro sucessor e passa imediatamente a trabalhar para ele. Figueiredo já estava "eleito" há quatro anos.

Marcos Dantas



O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR

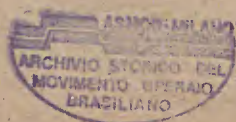


Cédula Eleitoral

Figueiredo

Magalhães

Frota



Leitor, esta é a sua chance de exercer o direito do voto direto, secreto e livre. Mais que isso, é a eleição mais livre de que você poderia participar, pois qualquer eleitor pode acrescentar à cédula o nome de seu próprio candidato. Aproveite: vote, recorte a cédula e envie para o endereço no expediente (veja na página 2). Nós cuidaremos de apurar e indicar o vencedor (ou eleito). Garantimos que ninguém será empossado.

Jaime Leão

ESCOLHA SEU CANDIDATO